371.214
S676l
Ex 1
C 92569251

Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT

ELAINE DENISE SOARES

O LIVRO DIDÁTICO PARA A LÍNGUA PORTUGUESA E O ENSINO MÉDIO: UMA ANÁLISE CRÍTICA DO ENSINO

Pontes e Lacerda
2006

turma-2006/1

não
BIBLIOTECA
UNEMAT
Campus de Cáceres e Lacerda-MT
RG N. 0093
Data 25 / 07 / 06
( ) Compra (X) Doação ( ) Permuta

ELAINE DENISE SOARES

O LIVRO DIDÁTICO PARA A LÍNGUA PORTUGUESA E O ENSINO MÉDIO: UMA ANÁLISE CRÍTICA DO ENSINO

Monografia de conclusão do curso de graduação em Letras, apresentada ao departamento de Letras (DL) da Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para a obtenção do título de graduado em Letras.

Orientadora: Raquel Alves

Pontes e Lacerda
2006

Esta monografia foi apresentada e defendida perante a seguinte banca examinadora:

_____

_____

_____

Pontes e Lacerda, 25 de maio de 2006.

_____



A meu esposo que sempre esteve ao meu lado e acompanhou com carinho e dedicação todos os momentos da minha caminhada acadêmica, a qual mostrou-se difícil e cheia de obstáculos que algumas vezes me fizeram fraquejar na luta para conquistar o meu objetivo, no entanto, graças ao apoio incondicional desse companheiro que eu estou realizando um dos meus grandes sonhos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por colocar na minha vida tantas pessoas maravilhosas e sempre me levar para o caminho certo a seguir.

A meus pais, que depositaram em mim seus sonhos, que mais tarde passaram a ser meus também, de presenciar a minha formatura e terem como filha uma professora.

A meus irmãos que me acolheram todas as vezes que eu precisei de apoio e de carinho.

A minhas amigas e colegas de faculdade Rosangela de Oliveira e Gislene .Maria da Silva, as quais sempre conseguiram manter a alegria e o otimismo até mesmo quando precisávamos deixar de lado os finais de semana, as festas e até a família para estudar.

Ao meu esposo e meu filho adorado, os quais são imprescindíveis à minha vida.

Aos funcionários e em especial aos professores de Língua Portuguesa, que foram muito prestativos e educados ao darem as suas contribuições para essa pesquisa, pois além de permitirem a pesquisa de campo para a avaliação das aulas, responderam prontamente às questões propostas por um questionário pré-elaborado que vieram a enriquecer este trabalho monográfico.

Quero externar também um agradecimento especial a quem com muita paciência, disponibilidade e segurança soube guiar cada passo da minha produção e me mostrou com sabedoria e respeito os caminhos a serem seguidos: Profª. Raquel Alves.

A leitura(...), não é uma questão de tudo ou nada, é uma questão de natureza , de condições, de modos de relações, de trabalho, de produção de sentidos, em uma palavra: de historicidade. (ORLANDI, p. 9)

RESUMO

Este trabalho é resultado de uma pesquisa que buscou verificar a qualidade da educação que está sendo proporcionada aos alunos do ensino médio de uma escola da rede estadual da cidade de Pontes e Lacerda, através do material didático utilizado no cotidiano escolar.

No primeiro capítulo discutimos a respeito da história da Língua Portuguesa, destacando sua importância na sociedade e os conflitos gerados no ensino devido ao contraste entre o tradicionalismo pedagógico e os métodos de ensino utilizados pelos educadores. Esse capítulo aponta ainda para a importância do conhecimento prévio do aluno para as atividades de interpretação e a importância da leitura na aprendizagem da Língua Portuguesa.

Reservamos para o segundo capítulo a apresentação do campo de pesquisa, enfocamos dados a respeito da sua localização, fundação, corpo administrativo e docente, direção e espaço físico. Fizemos também uma síntese em relação à pesquisa de campo, apontamos o método utilizado pelos educadores para a escolha do livro didático, a pesquisa de campo, a abordagem educativa dos professores, e as entrevistas as quais foram feitas através de um questionário pré-elaborado e seguem em anexo na presente monografia.

No terceiro capítulo pontuamos a respeito do método utilizado pelos educadores para a escolha do livro didático e a importância que essa escolha representa para a educação. Em seguida fazemos uma análise comparativa entre o livro didático de Língua Portuguesa utilizado anteriormente e o livro didático adotado recentemente pelo ensino médio da escola pesquisada, fazendo observações críticas e reflexivas diante de ambos os materiais.

O quarto capítulo aborda a respeito das observações feitas através da pesquisa de campo em relação ás práticas de utilização do livro didático na sala de aula.

E finalmente apresentamos uma análise crítica e reflexiva em relação ao livro didático utilizado nos anos anteriores e o livro didático adotado no ano de 2006 pelos professores da escola pesquisada, fazendo uma avaliação do ensino/aprendizagem que pode ser proporcionado através desses materiais. Discutimos também, a respeito das dificuldades encontradas para a realização dessa pesquisa devido a

falta de material de apoio atual e acessível à comunidade acadêmica de Pontes e Lacerda na área do ensino de Língua Portuguesa.

SUMÁRIO

RESUMO 7
INTRODUÇÃO 9
1 - DISCUSSÃO TEÓRICA SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA 12
1.1 - A importância da leitura no aprendizado de Língua Portuguesa 14
2 - DESCRIÇÃO DA ESCOLA ENQUANTO CAMPO DE PESQUISA 17
3 - O LIVRO DIDÁTICO 22
3.1 - O processo de escolha do livro didático 22
3.2 - Os compêndios didáticos em questão 24
3.3 - Análises comparativas dos fragmentos das obras em questão 25
3.3.1 - O livro didático "Português Maia" 25
3.3.2 - O livro didático "Português de olho no mundo do trabalho" 31
3.3.3 - As divergências e convergências existentes entre as obras "Português Maia" e "Português de olho no mundo do trabalho" 41
4 - OBSERVAÇÕES DE PRÁTICAS DE UTILIZAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO 43
5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS 45
REFERÊNCIAS 49
ANEXOS 52

INTRODUÇÃO

O que chamou a nossa atenção para a elaboração dessa pesquisa foi o fato de percebermos que a maioria dos alunos que chegam ao Ensino Médio traz deficiências em relação à leitura, produção e interpretação textuais desde as fases inicias do Ensino Fundamental (FREIRE, 1982).

As falhas do ensino são responsáveis por um elevado índice de reprovação nos vestibulares e se perpetuam até a universidade, onde a maioria os alunos apresentam algum tipo de dificuldade (que às vezes são graves) quando o assunto é interpretar ou produzir algo. Essa falha no processo educacional pode trazer também, prejuízos que acompanham o aluno durante toda a vida, inclusive no mercado de trabalho.

Autores renomados como Freire (1982), acreditam na possibilidade da construção do conhecimento a partir de uma relação de comprometimento e interação entre educador e educando visando colaborar com a desmistificação da rotina de trabalho do educador de Língua Portuguesa, para isso o autor aponta para questões que consideramos importantes, como por exemplo conhecer quais são os critérios e métodos que são utilizados para a escolha do livro Didático, se o material utilizado atualmente proporciona um ensino contextualizado aos alunos e é condizente com a proposta dos PCNs e saber também, se os professores têm autonomia diante do material oferecido pela escola e se seus métodos de trabalho seguem as propostas dos autores do livro.

Esperamos desenvolver tais questões no desenlace da presente pesquisa. Com isso, pretendemos contribuir para que a escola e seu corpo docente possam se voltar com maior atenção possível para a escolha do seu material didático tomando consciência da importância de proporcionar ao seu aluno uma aula dinâmica e produtiva, o que assegura a esse aluno uma boa formação na conclusão do Ensino Médio deixando-o apto a ingressar na universidade e no mercado e trabalho.

Na fase de coleta de dados, realizamos uma pesquisa de campo, acompanhando 10 horas aula no período matutino e 5 horas aula no período noturno, entrevistamos 3 professores que compõem o corpo docente de Língua Portuguesa da escola a ser pesquisada e entrevistamos de maneira menos formal a secretária que nos forneceu internos da escola.

Para executar tal pesquisa, tomaremos como fio condutor os livros "Português

de olho no mundo do trabalho" que é utilizado atualmente na escola pesquisada, dos autores Ernani Terra e José de Nicola (2006), e "Português Maia", do autor João Domingues Maia (2003), utilizado anteriormente, dos quais faremos uma análise reflexiva a partir de uma seleção de textos e exercícios presente nos livros. Esses textos são variados e obedecem a diferentes estruturas o que proporciona um estudo mais interessante e diversificado.

Tais textos serão analisados a partir de uma visão crítica em relação às propostas de ensino dos autores Terra e Nicola (2006), do livro utilizado atualmente pelos professores da escola estadual pesquisada e de Maia (2003), autor do material substituído recentemente.

O dado obtido através de estudos desses materiais e dos referenciais teóricos será contrastado com outros colhidos através da observação da utilização dos mesmos durante as aulas, bem como as respostas de um questionário, com o intuito de detectar se as propostas são utilizadas pelos professores para levar os alunos a desenvolver a sua criticidade e seu poder interpretativo e se esses métodos condizem com a proposta do PCN de Língua Portuguesa.

O esclarecimento desses dados leva-nos ao nosso objetivo que é detectar a qualidade do ensino de Língua Portuguesa que está sendo oferecido aos alunos do Ensino Médio das turmas analisadas, através do material didático escolhido pelos educadores da escola em questão e recentemente enviado pelo FNDE (Fundo Nacional de Educação), que é o programa do governo federal responsável pelo envio de verbas que custeiam o processo educativo.

Esperamos que essa pesquisa possa trazer uma contribuição à reflexão no meio educacional aos que a lerem, e que possa despertar no educador que a ler, o desejo de fazer, se necessário, uma reavaliação do seu trabalho, e nos alunos um senso crítico mais apurado diante da realidade do ensino.

1 – DISCUSSÃO TEÓRICA SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA.

Segundo Mazzarotto (2005), a Língua Portuguesa foi tornada uniforme desde o século XVI, quando surgiu o primeiro dicionário da Língua Portuguesa, e até os dias atuais ela serve como base de sustentação ao longo de toda a vida escolar do aluno. A gramática normativa da Língua portuguesa já foi sinal de ascensão e de prestígio social, já que até mais ou menos a década de 80 era utilizada apenas entre a burguesia.

O livro didático, na maioria das vezes é utilizado como principal norteador das aulas sendo que os livros didáticos atuais quase sempre têm o intuito de inculcar os valores morais e fixar excessivamente as atividades de leitura, de escrita e de gramática o que nos remete novamente aos anos 80.

O comportamento do educador que assim como alguns materiais didáticos também apresentam dificuldades para se desprender das raízes tradicionais, gera um conflito entre o conhecimento prévio que o aluno traz para a escola e o tradicionalismo pedagógico utilizado para a condução a aula, a qual se apresenta de maneira fechada ás idéias dos alunos e à mudanças, não dando espaço para a exposição desses conhecimentos que o aluno traz internalizado, os quais são acumulados de maneira gradativa devido à grande demanda de informação que o mesmo recebe através dos mais diversos meios de comunicação. Esse quadro faz com que o educando perca o interesse pela aula diminuindo o nível de aprendizagem.

Pfeiffer (1998), ao pesquisar sobre a constituição do sujeito leitor brasileiro afirma que:

> Pensando um pouco sobre a memória que se constrói dentro do âmbito escolar perpassado por esse direito de regulamentação que apaga a oralidade, fomos percebendo que o arquivo que a escola permite que seja construído é extremamente restrito (o que nos leva a pensar que fora dos muros escolares é construído um arquivo muito mais denso). Observando algumas atividades, fica-nos claro a "pequenez" do arquivo que se permite construir: ao aluno cabe copiar as respostas e não as construir; ainda lhe cabe apenas prestar atenção a certas informações que são pré ditas pelo professor, ele direciona a compreensão do aluno para certas informações que estão no texto. (PFEIFFER, 1998, p. 92).

Segundo a autora citada o âmbito escolar induz os alunos na resolução de atividades interpretativas pressupondo leitores "incapazes e interditos".

Entre alguns estudos que propõem uma reflexão em relação a esse assunto, temos os PCN (2000), de Língua Portuguesa, os quais quando observados com mais cuidado, são passíveis da interpretação de uma crítica velada ao ensino tradicional, entendido como aquele que desconsidera a realidade e os interesses dos alunos. Os PCNs, ainda que de maneira velada, desmistificam a valorização da Gramática normativa e as regras de exceção, diminuindo o preconceito contra as formas de oralidade e contra as variedades não padrão. O artigo "O ensino de Língua Portuguesa" publicado pela revista IBEP (2001), aponta que:

> Através dos PCNs, a língua portuguesa passa a ser repensada por razões internas (inerentes ao desenvolvimento de novos paradigmas no campo das ciências e da linguagem) que orientam a discussão a partir de conhecimentos sobre quem ensina e quem aprende; sobre como se ensina e como se aprende; sobre linguagem e língua (IBEP, 2001, p. 3).

O artigo aponta ainda que,

> Pesquisas na área interdisciplinar, como psicologia, sociologia, lingüística, psicolingüística e sociolingüística, desencadeiam um esforço de revisão das práticas de ensino da língua, na direção de orientá-las para a re-significação das noções de erro construtivo, de conflito cognitivo, de conhecimento prévio que o aluno traz para a escola, de construção do conhecimento de natureza conceitual através da interação com o objeto etc (IBEP, 2001, p.3).

Algumas pesquisas revelam também que:

> Por outro lado, o campo das ciências da linguagem (em substituição ao estruturalismo e teoria da comunicação) aponta para a concepção da linguagem como forma de interação mediadora e constitutiva das relações sociais, para a percepção das diferenças dialetais, para a necessidade de se ensinar a partir da diversidade textual, para adoção das práticas de leitura e produção e de análise lingüística em suas condições de uso e de reflexão como conteúdo da disciplina (IBEP, 2001, p.3).

È perceptível na citação acima, que o PCN traz uma proposta renovada quanto aos usos e formas nas práticas de compreensão e produção de textos, entende-se, assim, que o professor deva propor situações em que o aluno possa exercitar as práticas sociais de compreensão e produção de textos (oral e escrito) e de análise/reflexão da língua (oral e escrita) em situações lingüisticamente

significativas e em situações de uso, deve-se então considerar situações do cotidiano do aluno.

Partindo desta proposta, não basta proporcionar atividades de escrita que partam apenas de temas dados pelo professor, não basta deixar que os alunos escrevam qualquer tipo de texto, já que a escrita não é uma atividade em si mecânica. Assim, mais do que ter o domínio da língua padrão ou desejar escrever num determinado gênero, o produtor de texto deve incorporar as dimensões discursivas, incluindo desta maneira os interlocutores, as relações que existem entre eles, a partilha dos mesmos conhecimentos lingüísticos, as condições sociais de produções reais dos textos, as intenções e especificidade de cada texto (IBEP, 2001).

Escrever um bilhete para um colega durante uma aula de português, às escondidas do professor que explica a matéria, é complemente diferente de escrever um bilhete a um amigo imaginário apenas para cumprir a proposta dada pelo professor para "treinar" o gênero bilhete.

Se o educador puder aproveitar as situações as quais às vezes se apresentam embaraçosas para invertê-las a seu favor, com certeza o aprendizado de seu aluno vai alcançar um nível mais alto de aproveitamento, haja vista que a maioria dos alunos do Ensino Médio são jovens, e esse é um público que exige mais do profissional da educação devido a dificuldade de se prender a atenção dos mesmos por um tempo mais prolongado.

1.1. A importância da leitura no aprendizado de Língua Portuguesa.

No ensino de Língua Portuguesa saber ler é imprescindível, se levarmos em conta que para resolver atividades de interpretação de textos, os alunos devem saber expor suas idéias; entender e respeitar as idéias do texto lido, ainda que estas sejam contrárias às suas, esses conceitos somente serão aprimorados através da prática efetiva da leitura, entretanto esse hábito não faz parte da rotina da maioria dos brasileiros. Esse fato faz com que a qualidade do ensino de Língua Portuguesa seja comprometida, já que o aluno lê pouco e quase sempre não consegue se posicionar criticamente diante do mundo.

Freire (1982), relata que a leitura vai além da decodificação, ou seja, devemos considerar a leitura de mundo. O autor prossegue afirmando que não é a quantidade

de leitura que fará com que o aluno adquira compreensão, mas sim a qualidade dessa leitura que o fará atribuir uma maior significação ao material estudado internalizando um conhecimento efetivo. Vejamos:

> A memorização mecânica da descrição do objeto não se constitui em conhecimento do objeto. Por isso é que a leitura de um texto, tomado como pura descrição de um objeto é feita no sentido de memorizá-la, nem é real leitura, nem dela, portanto resulta o conhecimento do objeto de que o texto fala (FREIRE, 1982, p.16).

Assim como Freire (1982), Martins (1982), também conceitua o ato de ler enfatizando em especial o papel da escola e dos educadores no encaminhamento da aprendizagem crítica da leitura, defendendo a formação de leitores capazes de decodificar e compreender as diferentes linguagens que fazem circular a cultura, dando origem ao "leitor de mundo". Martins (1982), considera também que: "(...) cada um precisa buscar o seu jeito de ler e aprimorá-lo para a leitura se tornar cada vez mais gratificante" (p.23).

É notável que para a autora, ler é um ato individual, o qual não deve ser uma obrigação, pois a leitura pode ser extremamente prazerosa, só depende do leitor. O aluno brasileiro está tão acostumado a obedecer à ideologia do discurso pedagógico tradicional que não consegue expressar suas opiniões.

Esse pensamento pode ser reforçado se retornarmos uma pesquisa realizada por Pfeiffer (1998), na qual a autora se propõe a analisar três grupos: o primeiro ocupa uma posição "assumidamente tradicional", o segundo grupo apesar de seguir a linha do discurso tradicional não usa o livro didático empiricamente, e finalmente um terceiro grupo que bane o livro didático por completo, considerando que o próprio aluno deve escolher a leitura de sua preferência. Nessa pesquisa, o que mais nos chamou a atenção foi o comportamento do terceiro grupo, pois através do relato da autora fica à margem a grande ideologia que professor, consciente ou inconscientemente, imprime no aluno.

Segundo a autora, durante as aulas a professora propõe que o aluno deve despertar seu hábito de leitura lendo todos os tipos de livros, entretanto, a pesquisadora percebe que a professora não proporcionou a esses alunos o entendimento sobre o grande leque literário existente. Haja vista que a professora somente traz para dentro do ambiente de aula livros de leituras voltadas para o meio acadêmico, ideologicamente os alunos tomam esse tipo de leitura como a única

correta e significativa, pois quando é relatado aos alunos a respeito de livros como romances, horóscopos, etc., a reação dos mesmos se restringe a alguns risos.

É relevante ressaltar também a observação da autora quanto à diferença de espaço ocupado pelo professor e pelos alunos nas respostas, que concluiu que o pouco espaço ocupado pelos alunos é um sinal de que os mesmos não estão acostumados a terem "direito à voz", dessa maneira, quando esse processo acontece, esses alunos não conseguem se expressar. Uma outra observação interessante que a autora pontua é o fato de que esses alunos já têm cristalizada a distinção entre "literatura e estudo (ciência unívoca)". Vejamos:

> Para eles ler é uma atividade restrita á aula de leitura; nas outras matérias dos professores, ao lerem o livro didático, estão explicando a matéria e, em função desta "leitura" se dar como transmissão de verdades adquiridas no texto, não há como os alunos conceberem esta prática enquanto leitura. (FREIRE, 2000, p.17)

A partir dos conceitos acima, é possível entendermos que independentemente de professor, abordagem, linha pedagógica ou escola, para que se aprenda a Língua Portuguesa é indispensável que se tenha uma rotina de leitura seja ela diária ou semanal, pois o que importa é que os educandos consigam chegar à universidade tendo formado um arquivo na sua história de leitura, já que comprovadamente aquelas pessoas que lêem muito conseqüentemente escrevem bem, interpretam com desembaraço, além de se manterem sempre atualizadas seguindo assim as tendências do mercado de trabalho.

2 – DESCRIÇÃO DA ESCOLA ESTADUAL ENQUANTO CAMPO DE PESQUISA.

A Escola Estadual em questão é considerada de grande porte, atualmente possui uma área que conta com 22 salas e aula, 1 biblioteca, 1 quadra de esportes, 1 sala de vídeo, 2 dependências administrativas, 1 laboratório de informática, 2 banheiros, 1 cantina, 1 cozinha, 1refeitório e uma casa destinada a moradia do vigia da escola. Oferece aulas em três turnos para o Ensino Fundamental, Ensino médio na modalidade regular e EJA (Educação de Jovens e Adultos), distribuídos em 54 turmas com 1.838 alunos que freqüentam 20 horas/aula semanais durante 200 dias letivos.

Tal escola conta com 1 diretora, 1 secretária em exercício, 33 professores efetivos (sendo que 2 estão em disponibilidade e 4 estão de licença) e 22 contratações temporárias. No corpo administrativo constam atualmente 22 funcionários, sendo que 3 são coordenadores pedagógicos e 2 são coordenadores de ciclo.

Por estar centralizada, a escola atende em sua maioria a alunos de classe média. O corpo docente é formado por professores cuja maioria atua em sua área de habilitação e tem nível superior ou especialização.

No ano de 2006, até o presente momento a escola ainda não conseguiu apoio para desenvolver nenhum projeto, segundo informações obtidas pela administração da escola. Além da falta de incentivo do governo para desenvolver projetos maiores, não foi possível até então desenvolver nem mesmo projetos internos de menor abrangência haja vista que a escola passa por um período de reformas, e em virtude disso, teve até mesmo iniciar o ano letivo após a data prevista.

Percebemos a necessidade de colher dados reais e específicos a fim de amparar a presente pesquisa com um material mais consistente. Partindo dessa perspectiva decidimos fazer uma pesquisa de campo durante as aulas de Língua Portuguesa, assim, tivemos a oportunidade e acompanhar a rotina diária de estudo dos alunos, os quais se apresentaram bastante participativos e interessados no assunto das aulas, apesar de apresentarem um comportamento bastante agitado

por não conseguirem evitar as conversas paralelas, o que é normal quando se trata de jovens.

As aulas foram conduzidas com a aplicação de atividades usando o livro didático como único suporte teórico, haja vista que esse material é utilizado em todas as atividades realizadas na sala de aula. Para obtermos maior sucesso em nossa pesquisa, inicialmente nos empenhamos em detectar qual abordagem era utilizada nas aulas observadas, lembrando ainda que para isso nos baseamos em Almeida Filho (1998), o qual conceitua abordagem da seguinte maneira:

> Uma abordagem se constitui numa filosofia de trabalho, verdadeira força potencial capaz de orientar as decisões e ações do professor nas distintas fases da operação global de ensino. A análise da abordagem através do exame e aulas típicas gravadas e transcritas e acompanhadas de outros dados da situação real de ensino permitem nos explicar com plausibilidade porque os professores ensinam como ensinam e os alunos aprendem como aprendem (FILHO, 1998, p.13)

Assim como os conceitos de Almeida Filho, a abordagem comunicativa foi utilizada durante todo o contato dos professores com os alunos, haja vista que tais profissionais conduziram as aulas com explicações claras e bem colocadas, o que demonstrou grande autonomia em relação ao material didático em questão. Tal abordagem oportunizou espaços para leitura e para a socialização das idéias entre os alunos o que possibilitou o acompanhamento do processo de aprendizagem dos alunos durante a aula.

È pertinente ressaltar que durante toda a fase de observação visando a coleta de dados, a falta de estrutura da escola dificulta muito o trabalho de condução da aula pelo professor, devido as constantes interrupções. Essa inadequação das dependências da escola se dá pelo fato de que a mesma encontrava-se em fase de reforma. As portas das salas de aula encontravam-se parcialmente vedadas, com a presença de homens trabalhando durante o período de aula, o que prejudica muito o entendimento e a concentração devido ao barulho excessivo. Esses obstáculos serviram para por em prova a capacidade dos professores, os quais apresentaram um grande domínio do processo educativo, obtendo grande êxito na mediação do conhecimento, assim podemos afirmar que: "Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a produção ou a sua construção" (FREIRE, 1982, p.52).

Além da observação das aulas, tivemos a oportunidade de conhecer melhor os educadores em questão na presente pesquisa, através de uma entrevista na qual os mesmos responderam a um questionário pré-elaborado (anexo 2). Constatamos que tais educadores já atuam na educação a algum tempo e possuem uma boa formação profissional.

Em relação ao fracasso escolar dos alunos, os educadores pesquisados divergem opiniões (anexo 2), sendo que os profissionais que lecionam no período noturno apresentam um certo consenso ao atribuírem tal problema à falta de interesse e a problemas sociais referente aos educandos, entretanto, a profissional que leciona no período matutino, atribui esse fracasso do aluno à alfabetização inadequada e falha. Tal divergência é absolutamente normal se analisarmos que os alunos de ambos os períodos que apresentam um perfil bastante diferenciado.

Os problemas apontados pelos professores contribuem muito para o fracasso escolar, no entanto, o ensino de qualidade depende mais do professor que do aluno, pois segundo Freire (2000) o professor deve trabalhar a partir de uma perspectiva progressista. Sendo assim, o educador não deve se preocupar em impressionar o aluno com sua sabedoria, mas saber envolvê-lo no processo educativo. Vejamos a seguinte consideração de Freire, na qual o autor presta testemunho da sua própria prática educativa:

> Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho — *a de ensinar e não transferir conhecimento.* (FREIRE, 2000, p.52)

Se todos os educadores tivessem um maior comprometimento com a prática educativa, ela teria um maior sucesso, haja vista que sanar todos os problemas do âmbito educacional chega a ser utópico.

Outra questão levantada durante a fase de entrevistas diz respeito ao mundo da leitura na sala de aula, nesse aspecto as opiniões foram unânimes, e apontaram para a importância de influenciar o aluno o hábito de ler para deslanchar na busca do conhecimento e uso adequado da Língua Portuguesa e conduzir o educando para que ele adquira a competência de um pesquisador e sempre que necessário recorra á gramática. Em relação à leitura, é pertinente retornarmos aos conceitos de Martins (1982), que afirma:

> São a história, a experiência e as circunstâncias de vida de cada leitor no ato de ler, bem como as respostas e questões apresentadas pelo objeto lido, no decorrer do processo, que podem evidenciar um certo nível de leitura. (MARTINS, 1982, p.77)

Dessa maneira a autora aponta que há uma inter-relação entre três níveis básicos de leitura: sensorial, emocional e racional, que podem servir como uma orientação mais objetiva da leitura nas escolas. Essa perspectiva de fundamentar teoricamente o ensino da leitura é bastante interessante, haja vista que esse ensino é trabalhado aleatoriamente com a escrita desde a alfabetização até a conclusão do ensino fundamental.

Os professores tendem para visões tradicionalistas por não considerarem a importância da variedade não padrão no âmbito da sala de aula, o que perpetua o tabu que envolve a inserção da linguagem polida entre educadores e educandos, entretanto utiliza uma abordagem comunicativa e conforme a entrevista (anexo 2), trazem alguns recursos pedagógicos condizentes ao conteúdo do livro didático, afim de inserir nas aulas novidades que chamem a atenção dos alunos e torne o aprendizado mais atrativo, já que as opiniões em relação ao uso do livro didático na sala de aula foram unânimes entre os entrevistados os quais afirmaram que o livro deve nortear as aulas porém não deve ser o único e exclusivo material a ser utilizado.

Após essa avaliação, detectamos que a aula, bem como a influência que os professores exercem nos alunos durante as aulas, agem positivamente no aprendizado da grande maioria dos alunos.

3 – O LIVRO DIDÁTICO

3.1 – O processo de escolha do livro didático

O processo de seleção do livro didático é muito importante e interfere diretamente no aprendizado do aluno podendo trazer ao mesmo, conseqüências irreparáveis em sua formação. O ideal é que sejam realizados previamente ciclos de estudos dos livros que se encontram disponíveis, tal solução garante uma maior participação dos professores, tornando a escolha dos livros um processo mais racional, no intuito de melhorar a qualidade e diminuir prejuízos. Segundo informações fornecidas pelos professores, na escola pesquisada, cada professor teve a oportunidade de estudar previamente a proposta de ensino do livro "Português de olho no mundo do trabalho" de maneira individual.

A maioria dos livros didáticos reproduzem valores da sociedade e reforçam a aprendizagem centrada na memorização da gramática normativa; entretanto há materiais didáticos mais dinâmicos que além de transferir os conhecimentos orais à linguagem escrita, tornou-se um instrumento pedagógico que possibilita o processo de intelectualização e contribuição para a formação social e política do indivíduo, sendo um instrumento que além de ajudar a abrir caminhos para o mercado de trabalho, prepara para a liberdade no convívio social. Segundo Faria (1995), o livro didático é um dos veículos utilizados pela escola para a transmissão da ideologia burguesa, pois no conceito da autora citada, a escola é uma instituição tradicionalista a qual procura inculcar no aluno a gramática normativa, e vê o mesmo através de uma ótica extremamente capitalista.

O aluno é visto às vezes, através do olhar autoritário do educador, como um ser passivo e com poucas chances de aumentar o seu saber. A escola muitas vezes não permite que esse aluno possa ver o mundo com os próprios olhos e que possa ter discernimento crítico adquirido durante o processo educativo. Dessa maneira, entende-se que a didática tradicional, que em muitas situações educacionais ainda permanece viva e operante, tornou-se incapaz de lidar com as mudanças com as quais a sociedade se depara.

Hoje em dia a sociedade vive a "era digital", mas ainda é possível perceber através do panorama educacional denunciado pelos mais diversos meios de comunicação a estampa de um país com baixíssimo índice de leitores, em que os

estudantes permanecem à luz das concepções tradicionais de educação, que visam o aluno como se o mesmo não possuísse nenhum conhecimento prévio em relação à maioria dos assuntos, e desconsidera dessa maneira o pré-conhecimento, o qual vem a ser preenchido pela escola com um conjunto de conhecimentos colocados em prova através de exames periódicos o qual tem a função de medir, o que o aluno sabe naquele momento sem levar em consideração se o aluno tem algum problema ou alguma inquietação, deixando à margem a vida social do aluno.

Percebe-se então que o que realmente importa para a escola é saber se o aluno consegue conjugar os verbos e escrever adequadamente o que o educador determina. O uso da gramática no ensino da Língua Portuguesa nas escolas, em geral, vem gerando acirradas polêmicas ao longo dos anos. Segundo o assessor de Imprensa do CNPQ, Júnior[1], a maneira como é ensinada a gramática nas escolas públicas e particulares é equivocada, pois para ele os professores devem ser os mediadores do conhecimento, e devem ensinar seus alunos a se portarem como pesquisadores capazes de conseguir recorrer à gramática quando necessário, vejamos:

> ... a gramática tem sido o objeto do ensino de português no Brasil e não a língua como deveria ser. Em conseqüência, estão sendo transmitidos aos alunos do Ensino Fundamental e em especial do ensino Médio conceitos lingüísticos falhos. Refletindo sobre esse ensino posto em prática pelas escolas públicas e particulares, verifica-se uma prática lastimável que é encher a cabeça do estudante com algo inútil, confuso, incompleto - o conhecimento teórico não contribui significativamente para o domínio da língua padrão[1]

Se analisarmos que a função da escola é o ensino da língua padrão, não é com teoria gramatical que ela conseguirá concretizar seu objetivo, dessa maneira, o que se espera do livro didático é que o mesmo traga uma proposta mais dinâmica e condizente com a realidade da educação atual.

3.2- Os compêndios didáticos em questão

Com base nas propostas mencionadas, decidimos analisar os livros didáticos:

2222

[1] Estas informações estão disponíveis no site www.cnpq.br/ sala de imprensa. Ensaios e artigos.

"Português Maia", Ensino Médio, utilizado anteriormente pelo ensino médio da escola pesquisada e o livro didático "Português de olho no mundo do trabalho", Ensino Médio qual pela primeira vez foi enviado pelo governo que até então não distribuía livros para o Ensino Médio, tal livro é uma obra dos autores Ernani Terra e José de Nicola e é utilizado atualmente pelos educadores dessa instituição de ensino. Tentaremos estabelecer uma comparação entre ambos os materiais, apontando suas convergências e divergências a fim de detectar o motivo da substituição do primeiro material pelo segundo.

Inicialmente serão analisados alguns textos de ambos os livros os quais seguem em anexo, com o intuito de conhecer a proposta dos autores e a maneira como ela é conduzida, bem como as atividades e interpretação textual, iniciando com a proposta do autor João Domingues Maia com os textos "As Caridades Odiosas" da autora Clarice Lispector e "Antes que elas Cresçam" de Affonso Romano de Sant'Anna, presentes no anexo 2. Esses textos trazem como temática o mundo capitalista, no qual o dia-a-dia conturbado e a modernidade afloram a futilidade nas pessoas.

Tais textos, em conjunto com a obra serão analisados a partir da perspectiva de uma visão crítica em relação às propostas de construção do conhecimento bem como as atividades e metas traçadas pelo autor em relação à construção dessas obras.

Partindo de uma visão geral, em relação á obra em questão, é possível pontuar que embora todos os textos escolhidos pelo autor para compor sua obra sejam voltados para a crítica social ou para outros temas bastante atuais, tal livro didático se revela bastante ligado a corrente tradicionalista; é perceptível também, que as atividades interpretativas e o espaço a criticidade são impostos de maneira maquiada, induzindo o raciocínio do leitor; sendo que esses exercícios em sua maioria são voltados com maior ênfase para a estrutura da língua Portuguesa e sua formação gramatical.

3.3 – Análises comparativas de fragmentos das obras em questão

3. 3.1 – O livro didático Português Maia

No primeiro texto a ser trabalhado "As Caridades Odiosas" de Clarice Lispector, a autora ao não dar propositadamente nomes a seus personagens estabelece o contraste entre a "insignificância" do menino pobre e a volubilidade da protagonista, a qual se apresenta como um ser corrompido pelo capitalismo e pelos pensamentos elitistas; isso nos é evidenciado em um trecho do texto em que a protagonista entrega os doces doados ao menino, e por um momento faz uma reflexão desse momento, vejamos:

> recebeu um doce em cada mão, levantando as duas acima da cabeça, com medo talvez de apertá-los. Mesmo os doces estavam tão acima do menino escuro (...) sem olhar para os lados, por pudor talvez, sem querer espiar as mesas da confeitaria onde possivelmente algum conhecido tomava sorvete (...) Fui embora com o rosto corado de vergonha. De vergonha mesmo?"... "Eu tivera a oportunidade de... E para isso fora necessário um menino magro e escuro... E para isso fora necessário que os outros não lhe tivessem dado um doce (MAIA, 2003, p.30).

Nos versos supracitados é perceptível também a dificuldade que a protagonista tem em lidar com situações tão simples como a de ajudar alguém.

No segundo texto "Antes que elas Cresçam" de "Affonso Romano de Sant'Anna", o autor expressa o mundo capitalista através do sentimento dos pais que somente ao ver os filho ficando independentes, percebem que se ocuparam tanto com a eterna busca pelos bens materiais que deixaram de acompanhar coisas simples e importantes como o crescimento dos próprios filhos.

Ao inserir no texto palavras estrangeirizadas ou referentes a mercadorias que não são genuinamente nacionais como: "bonne route", "drive-in", "hambúrguer", "coca", etc., o autor faz uma crítica à sociedade brasileira, a qual não possui uma identidade cultural pura e que acredita encontrar na importação de padrões externos a ascensão e status, conceitos estes que já estão impregnados na sociedade.

O autor também se utiliza de expressões metafóricas como: "Saíram do banco de trás e passaram para o volante de suas próprias vidas" e "Esse exílio dos pais, esse divórcio dos filhos vão durar sete anos bíblicos", para mostrar que os filhos, assim como os pais, nasceram em um mundo capitalista e vão igualmente perpetuar o ciclo da vida em busca do espaço no mundo globalizado, entregando-se à mediocridade.

Em síntese, ambos os textos são de autores conceituados e abordam temas interessantes, entretanto as atividades propostas para a interpretação dos mesmos,

desconstroem o enriquecimento que é possível para a construção de um conhecimento amplo que venha a enriquecer a competência interpretativa do leitor, induzindo-o á compreensões gastas e ultrapassadas que estão explícitas no texto.

Analisando a proposta de João Domingues Maia, na página de apresentação de sua obra o mesmo propõe que:

> A repetição e a padronização já não têm mais espaço na sala de aula". Ao contrário, busca-se estimular a criatividade, o espírito inventivo e a curiosidade, objetivando-se uma diversificação com qualidade para que os indivíduos estejam aptos ás constantes mudanças no mundo profissional na era da globalização (MAIA, 2003, p. apresentação)

Se confrontarmos essa linha de pensamento com as atividades que o autor propõe no decorrer de sua obra, perceberemos que ou o autor se contradiz, ou o mesmo não consegue atingir sua meta educacional, veja nos exemplos:

> No texto as linguagens da cronista e do menino ora expressam sentimentos, hora transmitem apenas informações, ora é utilizada para dar uma ordem. Exemplifique essas informações (MAIA, 2003, p.31)
>
> Que momento descrito no quinto parágrafo, indica para a cronista a passagem da infância para a adolescência? (MAIA, 2003, p.31)

Os exercícios acima levam o leitor, direto para os textos, levando-o a respostas prontas e padronizadas, sendo que os arquivos que essas atividades permitem construir são bastante restritos aos textos, subestimando a criticidade do aluno. Essa estrutura de atividades proporcionada por Maia, nos permite retornar aos conceitos de Pfeiffer (1998) em relação "a memória que se constrói dentro do âmbito escolar" conforme citado anteriormente nesta pesquisa.

Maia ainda sugere na indicação de manuseio de sua obra a seguinte consideração: "fazendo apenas perguntas fundamentais sobre o texto lido, evitam-se as armadilhas de interpretação que decepcionam os jovens" (MAIA, 2003, p. modos de usar).

Notemos que o verso supracitado indica visões tradicionalistas propondo a formação de reprodutores do conhecimento, e é exatamente esse tipo de imitador que não consegue se adaptar às mudanças do mundo globalizado. Ao dizer "... as armadilhas de interpretação que assusta os jovens...", Maia se refere ao medo que o aluno tem de não interpretar da maneira que a professora julgue correta, por acreditar que precisa ser interpretado como o autor do livro didático expõe, como

única e verdadeira, não tendo aprendido a criar idéias novas.

Á esse respeito, é conveniente pontuar a seguinte afirmação:

> Um dos principais motivos para que se produza a sensação de enfadonho na maioria dos alunos ao se depararem com as tradicionais atividades de descrição, está vinculado com o fato de que lhes é proposto que estabeleçam uma relação entre linguagem/mundo (temo a termo) — a obviedade quando na realidade a relação que se estabelece entre o sujeito da linguagem *e o* "mundo" é simbólica — Há uma decalagem — não havendo a possibilidade de entendermos os sentidos como colados (agarrados) aos objetos no e do mundo. (MAIA, 2003, p. apresentção)

Orlandi (1998), explicita a idéia de que mesmo as atividades de descrição podem ser interessantes e produtivas, basta que seja criado um espaço interpretativo que dê espaço também ao conhecimento prévio que o aluno adquire através de sua convivência na sociedade.

Em suma, faz-se necessário afirmar que as idéias que foram propostas acima não defendem a hipótese de que no âmbito da sala de aula ou no livro didático haja somente atividades interpretativas ou que estas aceitem todo e qualquer tipo de interpretação, ainda que descontextualizada, somente porque o aluno tem direito a ver o mundo como "lhe der na telha"; mas que ambos os meios educacionais devem estar na função de norteadores do conhecimento.

Não defendemos aqui a tese de que o livro didático não deve trazer atividades estruturais e gramaticais da língua portuguesa, mas que tais atividades devem ser alternadas corretamente e utilizadas em situações mais contextualizadas que façam sentido para o aluno, pois dessa maneira elas tendem a despertar o interesse do mesmo.

Assim, o professor torna-se a peça fundamental na relação escola versus aluno, devendo portar-se como mediador. O mesmo deve utilizar uma abordagem comunicativa, métodos inovadores, bem como materiais didáticos condizentes ao contexto sócio-cultural do aluno, constituindo uma "dieta balanceada" em sua estratégia de aula.

O livro didático "Português Maia" apresenta também, uma variedade de textos, entre eles as charges, as quais aparecem com menor freqüência. Nele explora-se de maneira mais tímida esse tipo de texto se comparado com o material didático utilizado atualmente na escola. Talvez a pequena incidência desses textos, seja pelo fato de que este material didático, apesar de apresentar uma proposta

dinâmica, ainda prevalece no tradicionalismo conservador, com relação à interpretação dos alunos.

No anexo 2, observemos a tira Cômica de Adão Iturrusgarai, que ironiza o uso da língua não padrão:



Fig. 05

Se analisarmos a situação ilustrada na tira, considerando apenas a linguagem não verbal, a nossa visão será restrita e não nos trará a compreensão do que o autor realmente quis passar, haja vista que nos três quadros que compõem a tira podemos concluir, através da interpretação visual, tratar-se de uma adolescente deitada em sua cama lendo algumas cartas, entretanto, ao interpretarmos também a linguagem verbal daremos um sentido mais complexo ao texto de Iturrusgarai. Vejamos:

> Quadro 1:
> Querida Aline: Estou com um pobrema! Meu namorado mi deichou...
>
> Quadro 2:
> Precizo dos teu consselho! Ezpero Qui você não sse açuste com meu erro de portuguez!
>
> Quadro 3:
> Imagina!

A partir do momento em que lemos o primeiro quadro da tira, percebemos uma situação inicial, que se trata de uma pessoa, provavelmente uma outra adolescente confessando à Aline o abandono do namorado. Essa seria uma situação normal a qualquer leitor, contudo o que prende a atenção do leitor para

continuar a ler é a língua utilizada pelo autor, que apresenta sérios erros de ortografia, e fere as regras da gramática normativa.

O segundo quadro apresenta o desenlace do problema apresentado pela correspondente de Aline, que pede conselhos em relação à sua vida afetiva e desculpas pelas falhas apresentadas na escrita da carta, o que nos leva a crer que a pessoa que escreveu a carta tem noção do seu problema de escrita. Essa pessoa pode estar representando milhares de estudantes brasileiros que, mesmo freqüentando a escola apresentam sérios problemas ortográficos devido a falhas na alfabetização inicial.

O último quadro é imprescindível para a compreensão da idéia do autor, pois ele vem carregado da comicidade e da crítica que sustenta todo o texto, pois ao ler o pedido de desculpas de sua correspondente, Aline cita apenas uma expressão, "Imagina" o que é suficiente para que possamos fazer uma série de interpretações: Aline também não utiliza a Língua Portuguesa conforme a gramática normativa, não tem noção de que assim como sua correspondente ela também apresenta problemas de ortografia e que pode ser um sinal de que realmente a maioria dos adolescentes do Brasil enfrenta sérios problemas em relação à escrita.

Ao fazer uma observação abrangente percebemos também que essa tira está editada no livro "Português Maia" apenas com fins de trabalhar a gramática normativa, já que o autor desconsidera nessa página qualquer exploração de atividades interpretativas que direcionem para um estudo contextualizado.

Ainda no Livro de João Domingues Maia, no anexo 2, o desenho de Sérgio Martins é uma combinação perfeita entre a linguagem verbal e a não verbal, sendo que uma é extremamente importante à outra para que o leitor consiga chegar na interpretação da idéia do autor:

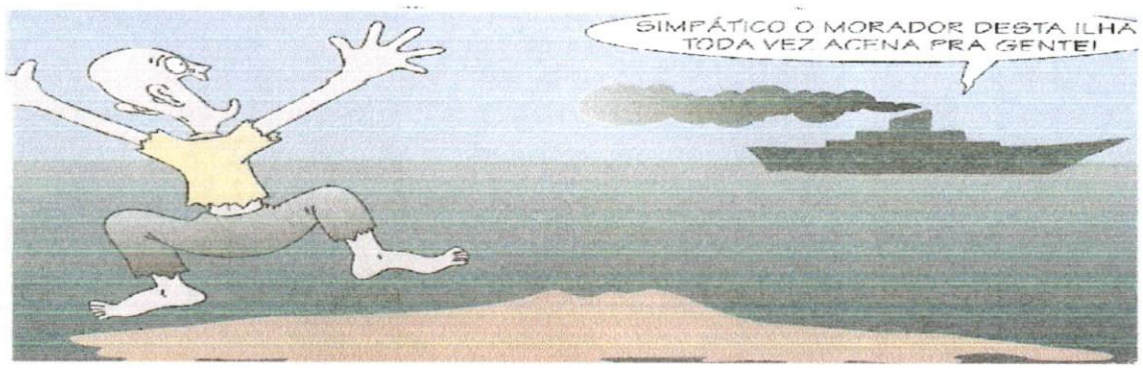


Fig. 06

Ao analisarmos apenas a linguagem não verbal, perceberemos um náufrago em uma ilha que apresenta uma expressão desesperada ao abanar intensamente os braços a fim de conseguir ser resgatado pelo navio que passa perto da ilha onde ele está, mas pensa não ter sido avistado, pois não obtém sucesso em sua abordagem, já que o navio passa direto.

Observando a linguagem verbal do texto de Martins, o leitor é levado à uma interpretação completamente diferente, já que o confronto da frase "Simpático o morador dessa ilha, toda vez acena pra gente!", provavelmente pronunciada por um dos ocupantes do navio que conseguia avistar o náufrago. Com a ilustração o autor nos leva a crer que não está havendo uma interação entre a linguagem utilizada por ambos os personagens do quadrinho, o que dá um tom humorístico à situação (que somente é possível através da combinação das linguagens verbal e não verbal). Essa tira está exposta no livro didático em questão de maneira mais contextualizada, sendo que o autor do livro abriu margens para a interpretação do aluno, ao utilizá-la como atividade de comunicação e expressão. Em ambas as tiras podemos encontrar a linguagem segundo os conceitos de Santos (2005), pois os dois trabalhos representam situações que revelam o ser e estar no mundo, a linguagem como representação do mundo e do pensamento, a linguagem como instrumento de comunicação e a linguagem como forma de ação e interação entre os leitores e o autor do texto.

3. 3. 2 – O livro didático "Português de olho no mundo do trabalho"

O Segundo livro didático, o qual é utilizado atualmente pelos professores da escola contemplada nessa pesquisa se apresenta como um material bastante dinâmico e traz textos geralmente reproduzidos com base em questões de vestibulares de universidades conceituadas, sendo complementados com dados verídicos retirados de reportagens sérias de algumas revistas também conceituadas. Tais textos são bastante inovadores embora carregados de ideologias e críticas.

No anexo 2, no texto "A regressão da redassão", do autor Carlos Eduardo Novaes, o mesmo tece críticas ao ensino brasileiro, o qual tem se apresentado de maneira bastante deficiente, isso nos é evidenciado desde o título do texto, o fato é que os brasileiros perderam o hábito de ler e conseqüentemente escrevem mal.

Segundo dados do MEC[2], no ENEN (Exame Nacional do Ensino Médio) em 2005, 900 mil alunos concorreram a bolsas do PROUNI, e apenas 6 mil foram beneficiados, comprovando que o índice de bolsas oferecidas ainda é baixo em relação a grande demanda. E ainda, dados referente a prova de leitura do último SAEB, realizado em 2003 demonstram que a média nacional dos alunos de 4ª série foi de 169.4 pontos numa escala que vai até 500. Esses indicadores nacionais apontam para o fato de que os alunos realmente trazem problemas de aprendizagem desde o início de sua vida escolar. Novaes inicia seu texto tecendo uma crítica ao ensino brasileiro que não têm conseguido alfabetizar devidamente os alunos na maioria das escolas e que além de não conseguir interpretar, apresentam sérias deficiências também na escrita. O autor enfatiza, que esse problema deixou de ser preocupação apenas das séries e/ou ciclos iniciais, tendo em vista que alguns alunos chegam ao Ensino Médio e até à universidade escrevendo e lendo mal. Vejamos:

> Semana passada eu recebi um telefonema era uma senhora que me deixou surpreso. Pedia encarecidamente que ensinasse seu filho a escrever.
> — Mas, minha senhora - desculpei-me, eu não sou professor.
> — Eu sei. Por isso mesmo. Os professores não estão conseguindo muito.
> — A culpa não é deles. A falha é do ensino.
> — Pode ser, mas gostaria que o senhor ensinasse o menino. O senhor escreve muito bem.
> — Obrigado — agradeci, mas não acredite muito nisso. Não coloco vírgulas e nunca sei onde botar os acentos. A senhora precisa ver o trabalho que dou ao revisor.
> — Não faz mal — insistiu, o senhor vem e traz um revisor.
> — Não dá, minha senhora — tornei a me desculpar, eu não tenho o menor jeito com crianças.
> — E quem falou em crianças? Meu filho tem 17 anos. (p. 10 -11)

Através da citação acima é possível notar também, a falta de credibilidade da população quanto ao ensino, e que a atribuição dessa situação educacional geralmente é direcionada aos professores, o que nos leva a crer que possivelmente os pais não estejam conseguindo visualizar o panorama escolar como um todo (escola, aluno, professor, material didático, etc.), dessa maneira restringe suas críticas mais direcionadas ao educador.

Percebemos também, que o próprio escritor (protagonista do texto), não tinha um hábito diário de leitura informativa, haja vista que somente depois de passar pela

3030

[2] Estas informações estão no site www.mec.gov.br

situação dialogada acima, o mesmo procurou se informar através do jornal, dos amigos e de outros educadores que foram unânimes em afirmar "O estudante brasileiro escreve muito mal". Novaes ainda aponta a alienação do escritor no seguinte trecho do texto:

> ... Pelo menos diminui a concorrência e me garante emprego por mais dez anos.
> — Engano seu — disse ele. — A continuar assim, dentro de cinco anos você terá de mudar de profissão.
> — Por quê? — espantei-me. — Quanto menos gente sabendo escrever, mais chance eu tento de sobreviver.
> — E você sabe por que essa geração não sabe escrever?
> — Sei lá — dei com os ombros, vai ver é porque não pega direito no lápis.
> — Não senhor. Não sabe escrever porque está perdendo o hábito de leitura. E quando perder completamente, você vai escrever para quem? (TERRA e NICOLA, 2006, p.11).

No parágrafo acima, o autor pode estar se referindo à esperteza do povo brasileiro, o individualismo e a falta de preocupação com o contexto social, representada no escritor, que nem sempre lê e não escreve bem, no entanto se sobressai aos olhos da sociedade, haja vista que aqueles que lêem seus textos quase sempre desconhecem que o mesmo precisa de um revisor para auxiliá-lo durante o processo de escrita dos mesmos.

Novaes (In: TERRA e NICOLA, 2006, p. 10-11), traz à tona conceitos de leitura que estão impregnados na sociedade, o que torna mais difícil uma possível mudança, pois teria que ser trabalhada a mentalidade das pessoas que agem com espanto e por vezes depreciam a leitura, vejamos:

> — Por favor, amigo, leia — disse , puxando um cidadão pelo paletó.
> — Não obrigado. Não estou interessado. Nos últimos cinco anos a única coisa que leio é bula de remédio.
> — E a senhorita não quer ler? perguntei acompanhando os passos de uma universitária — A senhorita vai gostar. È um texto muito curioso.
> — O senhor só tem escrito? Então não quero. Por que o senhor não grava o texto? Fica mais fácil ouvi-lo no meu gravador.
> — E o senhor, não está interessado nuns textos?
> — É sobre o que? Ensina a ganhar dinheiro?
> — E o senhor, vai? Leva três e paga um.
> — Deixa eu ver o tamanho — pediu ele.
> Assustou-se com o tamanho do texto:
> — O quê? Tudo isso? O senhor está pensando que eu sou algum vagabundo? Que tenho tempo para ler tudo isso? Não dá para resumir tudo em cinco linhas? (TERRA e NICOLA, 2006, p.11)

Na citação acima é perceptível também uma crítica do autor ao mundo capitalista, pois todas as pessoas abordadas pelo protagonista que queria vender alguns textos, aparentemente preocupavam-se apenas com aquilo que lhe interessava, e todos os motivos apresentados para não adquirir o livro estavam direta ou indiretamente ligados à eterna busca de aumentar o poder aquisitivo e o prestígio social, ainda que se tenha que anular etapas importantes para a adquirir conhecimento como o simples ato de ler.

O segundo texto "Estudantes lêem, mas não entendem", é um texto informativo o qual traz dados atuais e importantes à respeito da educação no Brasil. O que nos chama a atenção ao tratarmos desse texto é a maneira como os autores do livro didático "Português de olho no mundo do trabalho" constroem a obra, haja vista a considerável riqueza de conteúdo que é construída ao trazê-lo em seqüência ao primeiro texto, o qual se apresenta carregado de críticas, e trata da real situação em que se encontra o Brasil, o que permite ao aluno perceber uma intertextualidade e dá a oportunidade de trazer as situações apresentadas para dentro da realidade do aluno, provocando nele mesmo um pensamento mais informativo e reflexivo, o que facilita a aquisição do conhecimento e prende mais a atenção desses alunos no assunto, trazendo um ensino significativo.

É pertinente ainda citar um terceiro texto, o qual é um trecho de uma reportagem retirado da revista "Veja" que afirma o seguinte:

> As escolas poderiam ensinar a escrever, mas não o fazem. Não que as aulas de redação sejam em menor número do que o desejado. O problema é que essa matéria é ensinada de forma errada, por meio de assuntos distantes a vida real. 'Em vez de escrever redações sobre temas vagos, como 'minhas férias' ou 'meu cachorro', o aluno deveria ser adestrado nos diferentes gêneros da escrita: a carta, o memorando, a ficção, a conferência e até o e-mail', opina o professor Luiz Marcuschi, da Universidade Federal de Pernambuco (TERRA e NICOLA, 2006, p.12)

Através das afirmações feitas pela reportagem acima citada, podemos perceber críticas a algumas instituições de ensino que permanecem paradas no tradicionalismo e não estão trabalhando para formar cidadãos de fato preparados para enfrentar o mercado de trabalho, pelo contrário, continuam afastando o educando da realidade em que vivem. No entanto ao se referir ao ensino enquanto adestramento, marcushi também apresenta o ensino de maneira equivocada, já que, enquanto animais racionais nós não temos apenas a capacidade de repetir, mas de nos apossar efetivamente do saber.

Notemos então, que os três textos contidos no livro em questão, contemplam a mesma temática e são expostos de maneira diferenciada, sendo que dois deles têm teor informativo e criticam a cultura brasileira que é regida por um baixíssimo nível educacional se comparado á outros países mais desenvolvidos.

Esse assunto é bastante polêmico, e a obra "Português de olho no mundo do trabalho" proporciona nas atividades de interpretação um espaço para que o aluno se posicione criticamente a partir de sua visão individual de mundo, e apresente propostas para possíveis soluções. O PCN de Língua Portuguesa do Ensino Médio propõe que: "Pensar o ensino se Língua Portuguesa no ensino médio significa dirigir a atenção não só para a literatura ou para a gramática, mas também para a produção de textos e para a oralidade" (PCN, 2000).

O livro didático "Português de olho no mundo do trabalho", contempla esses "eixos" possibilitando uma aula bastante rica e proveitosa para a formação educacional do aluno, o qual sofre um bombardeio diário de informações novas que chegam a todo o momento, seja através de uma simples conversa com os amigos ou através dos mais variados meios de comunicação. Por esse motivo esse aluno necessita ter espaço para expor suas opiniões e a escola precisa assumir esse papel. Em suma, os livros analisados, não se desprendem dos objetivos propostos na página de apresentação da obra, as quais rezam que:

> ...aproveitamos a presente reedição para fazer alguns ajustes na distribuição dos tópicos gramaticais, para intensificar o trabalho de análise e interpretação de textos, valorizando, cada vez mais, atividades que criem condições para a formação de leitores atentos e competentes produtores de textos (TERRA e NICOLA, 2006, p.apresentação)

Os autores apontam ainda que:

> ...o livro foi concebido sob o signo a objetividade e da praticidade sem, contudo, abrir mão do rigor da informação e de um conteúdo abrangente. Nele, os professores e estudantes do Ensino Médio encontrarão todos os ítens tradicionalmente estudados nas aulas de Português(TERRA e NICOLA, 2006, p. apresentação)

O parágrafo acima se torna verossímil, se analisarmos as atividades de interpretação de textos do material didático produzido por Terra e Nicola, os quais são voltados para a construção do conhecimento do aluno e contemplam tanto o desenvolvimento do senso crítico quanto a interação com a gramática normativa. Vejamos um dos exercícios propostos:

Com base no texto 01, f aça o que se pede.
a) Que conclusão você pode tirar, a partir do efeito do sentido provocado pelo seu título, a respeito do ato de escrever?
b) Retire dois argumentos que comprovem a sua conclusão.
c) Modificando os elementos verbais, em destaque, de forma que não haja alteração de sentido, reestruture o período "Quanto menos gente sabendo escrever, mais chance eu tenho de sobreviver" (TERRA e NICOLA, 2006, p.12)

Notemos que apesar dos autores darem margem para a interpretação, eles cobram do aluno um amparo teórico. Essa atitude evita que os educandos escrevam qualquer coisa somente para desviar a atenção do professor em relação à sua falta de participação na aula. As atividades gramaticais são propostas como complemento, com o intuito de manter o conhecimento das normas gramaticais que tanto amedrontam os alunos.

O Livro didático "Português de olho no mundo do trabalho", traz também uma grande variedade de textos, os quais tem a finalidade de enriquecê-lo ainda mais, haja vista que os autores elaboram pelo menos três textos diferentes relacionados ao mesmo assunto criando para o aluno um leque de possíveis interpretações e visões diferentes à respeito de um único tema. Observemos o trabalho dos autores Bill Watterson, Calvin e Haroldo, no qual encontramos a linguagem verbal mais acentuada que a linguagem não verbal:

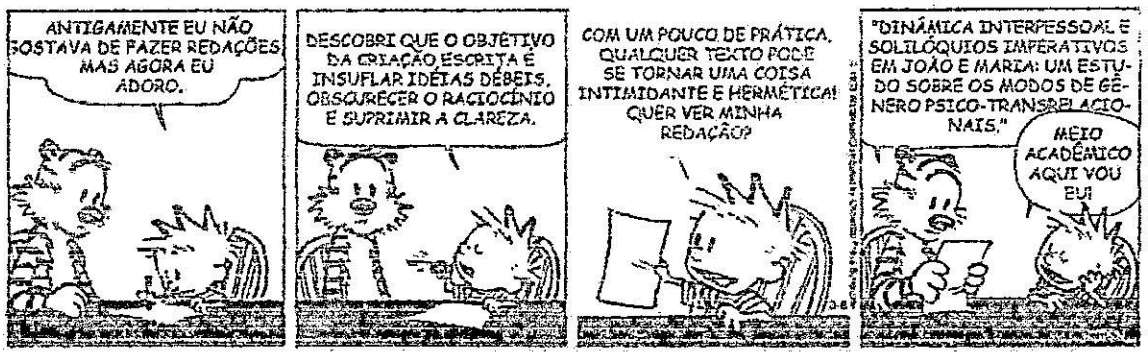


Fig. 07

Se analisarmos apenas a ilustração de modo geral perceberemos apenas um adolescente com uma expressão de superioridade que escreve algo e entrega à um segundo personagem que lê a escrita e fica aparentemente espantado, com a atitude do menino. O que nos chama atenção realmente é a ilustração do terceiro quadro, já que este tem uma estrutura diferente dos outros sendo aberto o que nos levou a crer que os autores quiseram expressar que o pensamento do menino não é fechado ao mundo dele, mas é comum a todos que quiserem ver o mundo a partir da sua ótica.

Quando o leitor passa a considerar a linguagem verbal, a concepção do texto muda completamente, observemos:

> Quadro1:
> Antigamente eu não gostava de fazer redações, mas agora eu adoro.
>
> Quadro 2:
> Descobri que o processo da criação da escrita é insuflar idéias débeis, obscurecer o raciocínio e suprimir a clareza.
>
> Quadro 3:
> Com um pouco de prática, qualquer texto pode se tornar uma coisa intimidante e hermética! Quer ver minha redação?
>
> Quadro 4:
> "Dinâmica interpessoal e solilóquios imperativos em João e Maria: um estudo sobre os modos de gênero psico-transrelacionais". Meio acadêmico aqui vou eu! (TERRA e NICOLA, 2006, p.12)

A tirinha cômica de Bill, Calvin e Haroldo faz uma crítica à erudição desnecessária e ironiza algumas pessoas que utilizam a gramática como sua "bíblia" pessoal.

No primeiro quadrinho, presenciamos uma situação inicial a qual não causa estranhamento ao leitor, trata-se de alguém que não gostava e fazer redações mas por algum motivo, até então desconhecido passou a gostar. Em seguida, no segundo quadrinho, o leitor é informado do motivo pelo qual o adolescente passou a gostar de escrever, dando origem a uma ação perturbadora, a qual faz séria crítica ao ensino de língua portuguesa que geralmente exige que os alunos saibam somente aquilo que é necessário para perpetuar a "ideologia das caixinhas", onde os alunos são divididos em caixas, e aquele aluno que não cabe exatamente dentro da caixa é moldado até que consiga entrar, ou seja, o aluno deve saber apenas o que o professor acha pertinente que ele saiba; conjugar verbos, ter boa ortografia, saber fazer a famosa redação "Minhas férias" e assim por diante.

No terceiro quadrinho temos o desenlace do pensamento do menino, do qual pode-se analisar uma possível interpretação, em que expressa que assim como aprender a gramática, escrever qualquer texto é perfeitamente possível, basta apenas algum tempo de prática. Finalmente o quarto quadrinho apresenta a situação final. Neste os autores apresentam o resultado da inculcação do menino, apresentando no título da redação do mesmo, uma combinação de palavras rebuscadas que tendem a confundir e embaraçar o leitor. Os autores tecem ainda uma nova crítica direcionada ao meio acadêmico, o qual é visto pela sociedade

como uma comunidade que deve ser extremamente intelectualizada, o que provoca uma visão distorcida do ato de escrever e falar bem.

A segunda charge analisada, do livro "Português de olho no mercado de trabalho", foi criada por Ivan Consenza de Souza. Nela há uma harmonia entre linguagem verbal e linguagem não verbal, que torna possível uma análise reflexiva que entre várias outras possibilidades pode estar se referindo à juventude brasileira frente ao preconceito dos adultos ou do comportamento dos governantes em relação à classe trabalhadora, assim sendo, essa pesquisa pretende partir dessas duas máximas. Observe atentamente a tira:

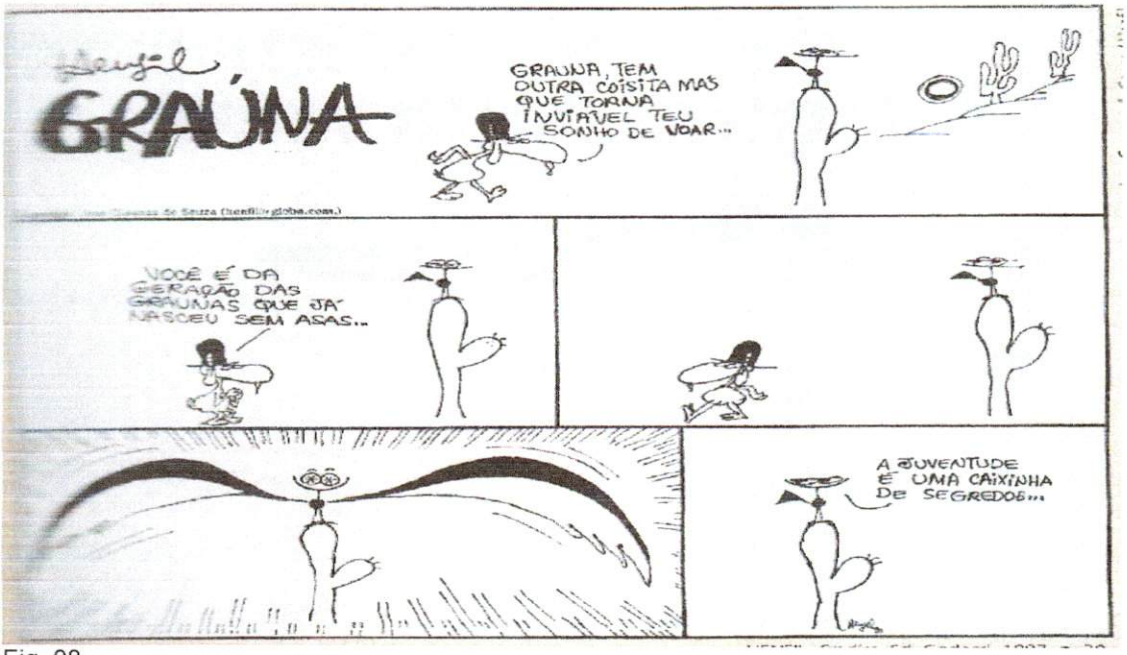


Fig. 08

Conforme a ilustração, temos apenas dois personagens (um cão e uma graúna), sendo que o cão nos remete ao adulto ou à classe que representa o governo do país, isso pode ser constatado devido a cartola usada pelo mesmo, a maneira conclusiva e autoritária que ele se refere à graúna e a expressão corporal que durante a conversa indica uma expressão de superioridade e ao dar as costas para a graúna indica o descomprometimento em relação ao "problema" do seu interlocutor. Esse comportamento nos leva a crer que o propósito do cão era conformar a graúna diante da sua situação e convencer a mesma do seu sonho sem solução.

A graúna, desde o início apresenta um perfil despreocupado (exatamente como a maioria os jovens e alguns trabalhadores que se conformam com sua

jornada de até doze horas de trabalho por um salário suficiente para comer). Esse personagem é responsável pela comicidade da tira, haja vista que sua aparência inicialmente sem asas nos três primeiros quadrinhos leva o leitor a crer no "problema" apresentado pelo cão, no entanto o quarto quadrinho apresenta a "epifânia" da graúna e desconstrói todo o pensamento do cão provocando uma inversão de valores que dá um aspecto de ingenuidade e alienação ao cão.

Passamos agora a considerar também a linguagem verbal da tira, vejamos os diálogos:

> Quadro 1:
> Graúna tem outra coisita más que torna inviável teu sonho de voar..
>
> Quadro 2:
> Você é da geração das graúnas que já nasceu sem asas.
>
> Quadro 5:
> A juventude é uma caixinha de segredos...

Notemos que durante a fala do cão, quando o mesmo diz "tem outra coisita más", pode estar indicando que já houveram outras tentativas anteriores a essa, por parte dele para tentar convencer a graúna quanto à inviabilidade do seu sonho, sem sucesso o cão procura a conformidade da graúna como melhor saída para resolver a questão. Entretanto durante o desenlace do texto percebe-se que o "problema", apresentado pelo cão é na verdade uma perturbação do cão.

A frase dita pela graúna no último quadro, torna verdadeira a idéia transmitida pela linguagem não verbal durante toda a tira, já que no início a graúna aparenta não ter asas, durante o desenlace ela sofre uma evolução e no final do texto ela se apresenta exatamente conforme sua aparência inicial, o que não coloca em dúvida sua postura real já que o leitor teve a oportunidade de ver que o ato de voar dependia só e simplesmente dela.

Ao observar o texto a partir de uma perspectiva analítica, é como se um adulto (que pode ser o pai, a mãe, o professor, etc.) estivesse tentando colar no jovem uma ideologia a fim de limitar e dosar o seu desenvolvimento, como se ele não tivesse capacidade para resolver problemas ou para assumir sozinho um lugar na sociedade. É perceptível que o adulto, principalmente quando se trata dos pais, tenta maquiar a realidade do mundo que cerca os jovens, o que causa nesses mesmos adultos uma sensação de estranhamento quando às vezes eles percebem os jovens, assim como a graúna, "abrirem as asas", e brigarem por seus direitos,

inclusive pelo direito de ser não apenas mais um componente da sociedade, mas ser alguém que realmente vai fazer a diferença para a sociedade em que vive.

Se olharmos a tira novamente, mas agora por um ângulo diferente, porém não menos crítico, podemos colocar o cão com sua postura autoritária na representação da "máquina" que governa o país e a graúna, que apresenta uma certa obediência, porém se revela dotada de espertezas representando a classe trabalhadora.

È pertinente lembrar nesse momento das campanhas lançadas pelo Governo Federal via rádio e TV, a quais trazem a seguinte informação "O melhor do Brasil é o brasileiro", ao fazer uma análise mais crítica, é possível perceber a semelhança entre essa campanha do governo e a ideologia velada da tira de Ivan Consenza de Souza, pois ambas trabalham no sentido de conformar e vendar os olhos do trabalhador brasileiro em relação ao mundo injusto e opressor que é alimentado pelas manobras políticas dos nossos governantes. Ao dizer "O melhor do Brasil é o brasileiro", o governo tenta expressar que este sim é um povo trabalhador e de fibra, quando na verdade pensa: — Vamos! Trabalhem, encham os cofres públicos.

Essas campanhas medíocres do governo são lançadas por que os governantes já levaram todos os sustos possíveis e já perceberam que a sociedade civil organizada, assim como a graúna já tem suas próprias asas, embora nem sempre utilizem. Prova disso são as freqüentes greves que atualmente abalam quase todo o mercado de trabalho.

Independente da interpretação que o leitor venha a fazer da tira em questão, o que realmente importa é que ela é de grande valia para a aquisição do conhecimento do educando. Pois esse recurso didático abre espaço para a interpretação do aluno, além de estar muito bem situada no livro didático, o qual explora essa tira de maneira consciente da necessidade dessas atividades para o meio educacional. Esse estilo desprendido da obra de Nicola e Terra atende à linha de pensamento de Pfeiffer (1998) que defende:

> Enquanto continuarmos a simplificar o gesto interpretativo como uma mera ida ao código lingüístico — o que só diz respeito à riqueza sintática vocabular... a fim de buscar verdades sedimentadas, não iremos conseguir criar reais espaços interpretativos. (PFEIFFER, 1998, p.103)

Durante todas as atividades analisadas na presente pesquisa, fica bastante claro o comprometimento dos autores do livro didático "Português de olho no mundo do trabalho" com a real aprendizagem do aluno.

3.3.3 – As divergências e convergências existentes entre as obras Português Maia" e "Português de Olho no mundo do Trabalho"

As atividades de ambos os materiais didáticos apresentam algumas divergências principalmente no que diz respeito aos exercícios e atividades propostas. O Livro "Português de olho no mercado de trabalho" apresenta uma proposta aparentemente mais produtiva do que o livro "Português Maia", pela maior variedade de textos e pela maior possibilidade interpretativa, além da maneira de situar e explorar as propriedades de cada texto na composição do livro didático.

Quanto às tiras analisadas podemos afirmar que em ambas as obras pesquisadas, elas são bastante interessantes e contemplam tanto a linguagem verbal quanto a linguagem não verbal de maneira bastante rica e proveitosa, o que diferencia os dois livros nesse aspecto, é a maneira como são organizadas essas tiras e a função delas dentro dos livros, já que O livro "Português Maia" trabalha mais o aspecto gramatical das tiras enquanto que o livro "Português de olho no mundo do trabalho" dá mais atenção ao aspecto interpretativo.

Em relação à construção e organização dos temas, ambos os livros apresentam um perfil divergente já que o livro "Português Maia" é um pouco mais conservador na escolha dos textos, pois é mais voltado para a gramática normativa, possui um espaço reservado à literatura que é explorada com exercícios gramaticais e produção textual. Apesar de utilizar textos exigidos no mercado de trabalho na composição o livro, como o e-mail, não faz nenhuma abordagem explicativa sobre o mesmo. Nesse material didático encontramos apenas um tipo de texto devidamente explicado e voltado para o mercado profissional, trata-se do ofício.

Diferentemente, o livro "Português de olho no mundo do trabalho" dá mais importância à interpretação textual e contém um leque de textos variados, embora ainda possua um grande percentual de atividades ligadas à gramática. Esse livro também apresenta explicações minuciosas em relação aos principais tipos de textos que são utilizados no mercado de trabalho e no cotidiano como: o bilhete, o requerimento, o telegrama, o e-mail, bulas de remédio e recortes de jornal.

Nas entrevistas fizemos aos educadores a seguinte pergunta em relação ao livro "Português de Olho no mundo do trabalho": O que te chamou atenção nesse material? Confira as respostas:

> Professor 1:
> As interpretações e produções de textos.
>
> Professor 2:
> O fato do mesmo trazer textos atuais, atividades e exercícios de fixação voltados para o vestibular, ENEN e mercado de trabalho.
>
> Professor 3:
> O enfoque dado à leitura, a produção e a exposição da gramática de modo reflexivo apresentada através da variedade de tipos de textos. (ANEXO 2)

Percebemos então que o motivo que levou à substituição do material didático foi o fato de que esses educadores procuravam um material mais voltado para a prática da leitura, interpretação e produção de textos e esse campo era um pouco restrito no livro de João Domingues Maia e mais amplo no livro "Português de Olho no mundo do trabalho".

Outro aspecto interessante que é contemplado tanto no livro "Português Maia", quanto no livro "Português de olho no mundo do trabalho" é a utilização de diferentes estruturas de textos, sendo que o que nos chamou mais a atenção foi a grande freqüência de tiras (charges), que através da linguagem exposta em quadrinhos nos revela um universo enorme de possíveis interpretações. Assim, achamos importante para a condução da nossa pesquisa, investigar essas estruturas textuais.

4 - OBSERVAÇÕES DE PRÁTICAS DE UTILIZAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO

Os professores de Língua Portuguesa do Ensino Médio da escola pesquisada já lecionam a vários anos, e seguem uma linha pedagógica tradicional, entretanto tivemos a oportunidade de perceber durante suas aulas, atitudes com alguns traços inovadores, possivelmente fruto de cursinhos de formação e capacitação profissional.

É relevante pontuar que durante a observação das aulas de Língua Portuguesa, tivemos a oportunidade de observar que apesar da proposta menos impositiva do livro didático durante a explicação das atividades, os professores se posicionaram com segurança, clareza e seguiram passo a passo o livro didático, o qual é o único material utilizado durante todas as aulas observadas uma vez que não foi utilizado nenhum outro recurso didático.

Durante a correção de alguns exercícios os professores corrigiam as respostas dos alunos, ditando a maneira "correta" a ser seguida, fazendo com que as interpretações que deveriam ser um ato individual se tornassem quase unificadas em "modelos" a serem seguidos, o que interfere de maneira negativa na construção do conhecimento do aluno. Esse comportamento talvez seja uma resistência do educador devido a falta de orientação na utilização do livro didático.

Os educadores exploram a leitura e a socialização das idéias entre os alunos, os quais ao serem convocados a fazer a leitura de alguns textos presentes no livro didático, apresentaram dificuldades de leitura, levando-nos a crer que os mesmos não possuem o hábito de ler como uma atividade extraclasse. Outro ponto em que os alunos apresentaram dificuldades, diz respeito à gramática normativa, pois os mesmos não conseguiram usar corretamente as conjugações verbais durante a resolução das atividades propostas.

Principalmente em se tratando das atividades de interpretação, era nítida a insegurança dos alunos, pois os mesmos não pareciam seguros o suficiente para responder à questões que não estavam prontas no texto.

É relevante esclarecer que as aulas foram observadas nos períodos diurno e noturno, dessa maneira, tivemos a oportunidade de conhecer essas duas realidades que apesar de atenderem a turmas diferenciadas, (pois os alunos que freqüentam o período noturno em sua maioria trabalham durante todo o dia e chegam na escola mais cansados, se comparados aos que estudam durante o dia), não apresentam

diferenças significativas em relação à qualidade das aulas, já que os professores respeitam e acompanham o processo de aprendizagem dos alunos em ambos os períodos, e as aulas noturnas tem um grau de aproveitamento maior em relação ao tempo (as aulas tem uma quantidade menor de pausas), o que ajuda na aquisição do conhecimento dos alunos e compensa o cansaço e conseqüentemente a necessidade de um tempo maior para a resolução de atividades.

É interessante pontuar também, que as dificuldades apresentadas pelos alunos diante do novo material foram basicamente as mesmas (leitura, interpretação e gramática) o que nos leva a crer que essas dificuldades realmente perseguem a maioria dos estudantes, não sendo restrita aos alunos que precisam trabalhar e estudar, já que aqueles que somente estudam apresentam dificuldades semelhantes. Esse quadro mostra que há uma falha no processo educacional que afeta a maioria dos alunos e faz com que eles não cheguem ao Ensino Médio devidamente preparados.

5– CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da grande motivação e efetiva dedicação para conseguirmos chegar ao resultado dessa pesquisa, houve muitas barreiras e obstáculos durante esta etapa do trabalho, principalmente no que diz respeito a bibliografias recentes a fim de construir um amparo teórico mais rico e consistente, já que a maioria das publicações na área da educação, mais especificamente no ensino de Língua Portuguesa, que tivemos acesso estão ultrapassadas trazendo dados desatualizados.

Entretanto é relevante ressaltar que essas obras, apesar de não serem atuais trazem idéias de grande importância como, por exemplo, a abordagem comunicativa do autor Almeida Filho (1998) e os conceitos de pedagogia de Freire (2000), que nos conduziram na tentativa e detectar o método e ensino dos educadores pesquisados.

Tivemos também um apoio importante buscado na constituição do sujeito leitor segundo Claudia Castelhanos Pfeiffer (1998), a qual basicamente conduz nossa pesquisa, utilizamos também conceitos sobre leitura do educador Paulo Freire (1982), entre outras obras que direta ou indiretamente nos conduziram durante a reflexão a respeito do ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa do aluno do Ensino Médio através do livro didático.

O que nos chamou a atenção é a falta de publicações atuais e acessíveis a nós, acadêmicos de Letras do Campus de Pontes e Lacerda nessa área da educação, e a falta de incentivo à pesquisa por parte da biblioteca acadêmica e das revistarias da cidade que não investem em novas obras. Essa situação nos levou a fazer árdua procura por materiais através de sites disponíveis na internet. Tais considerações deixam a impressão que as pessoas estão se interessando cada vez menos pelo nível da educação que está sendo oferecido pela escola na educação básica.

Tento em vista a relevância do livro didático para essa pesquisa, vimos a necessidade, de saber como se da o processo de escolha desse material no âmbito escolar, sendo assim apuramos através de informações colhidas na escola que os livros didáticos geralmente são selecionados através de reuniões de professores, os quais se dividem em grupos e analisam os materiais disponíveis.

O livro "Português de olho no mundo de trabalho" em especial, foi indicado, por uma das professoras do Ensino Médio da escola em questão, a qual já havia trabalhado anteriormente com esse material em uma escola de Cuiabá.

Um dos aspectos importantes analisados pelos educadores que escolheram tal material didático é o fato de que ele tem a base voltada para temas atuais e dinâmicos e contempla uma variedade de atividades de leitura, interpretação e produção textual, (que representam as maiores dificuldades dos alunos do Ensino Médio), sem desprender-se das raízes pedagógicas.

Durante o desenlace da presente pesquisa, pontuamos vários autores e obras trazendo uma série de abordagens em relação ao ensino de Língua Portuguesa e a importância de despertar no aluno o hábito de leitura que faça parte do seu cotidiano. Esses referenciais teóricos foram imprescindíveis para chegarmos a um ponto comum em relação ao livro didático "Português de olho no mundo do trabalho".

O livro obedece a uma série de requisitos básicos para um ensino de qualidade como, por exemplo, a variedade de textos que despertam a curiosidade do leitor por suas estruturas diversificadas seus temas atuais e interessantes, o que proporciona um ensino mais contextualizado, sem deixar de obedecer às propostas dos PCNs .

Tivemos a oportunidade de perceber também, que esse livro tem um grande potencial e caminha para uma evolução significativa no ensino, e que conforme a maneira como são conduzidas as aulas pelos professores entrevistados e observados durante nossa pesquisa, possivelmente dentro de algum tempo essas evoluções vão acontecer com maior sucesso na prática educativa diária, uma vez que esse material é novo e ainda vai demorar algum tempo para que haja total adequação.

Constatamos através da entrevista no anexo 1 e da observação das aulas, que todos os professores que atuam na área de Língua Portuguesa nesse Estabelecimento de Ensino, estão devidamente qualificados para exercer tal função e são conscientes de seus papéis enquanto educadores, e que eles tem como meta conseguir resgatar os princípios da leitura, despertar nos alunos o senso crítico e dar a eles condições para conseguir realizar atividades de interpretação de textos.

Durante a pesquisa de campo notamos alguns deslizes dos professores, como tentar unificar as respostas dos alunos em algumas atividades interpretativas,

se opondo às propostas do livro didático, pois apesar dos educadores adotarem uma postura dinâmica tal qual a do livro, eles acabam voltando às raízes do tradicionalismo.

Através da observação do funcionamento desse material didático na sala de aula, tivemos a oportunidade de perceber também que as propostas do livro didático de Nicola e Terra vêm sendo utilizadas com coerência pelos professores da escola pesquisada e trazem boas perspectivas para a formação do conhecimento dos alunos e que mesmo de maneira tímida, apresentam um resultado de entendimento e carga crítica satisfatória, que podem melhorar futuramente, haja vista que esses alunos não chegam ao Ensino Médio com a bagagem que deveriam trazer do Ensino Fundamental, dessa maneira, é possível que eles não estejam preparados para a proposta inovadora do novo material didático.

Antes de julgarmos enquanto bom ou ruim o aprendizado dos alunos, devemos nos ater à realidade da educação no país, pois a maioria das escolas não oferece as condições necessárias para um ensino de qualidade, desde a parte física, (que oferece aos estudantes carteiras valhas e pouco confortáveis, iluminação precária, falta de ventilação entre outros sérios problemas) até a parte pedagógica, que não oferece material de pesquisa adequado, já que a maioria das bibliotecas das escolas não dispõem de um acervo bibliográfico suficiente e algumas escolas nem se quer possuem bibliotecas, poucas escolas possuem um laboratório de informática a disposição do aluno e quando o tem, assim como a pesquisada, as máquinas não são suficientes para atender a demanda de alunos, impossibilitando, por exemplo, que o professor possa levar toda a turma para desenvolver uma atividade ao mesmo tempo, a falta de materiais de áudio e vídeo para a utilização da videoteca, etc.

O governo não investe na qualificação dos profissionais da educação, já que não há oferta de cursos de atualização aos professores e estes não recebem um maior incentivo financeiro para procurar a melhora da qualificação em instituições particulares.

Partindo de uma visão mais critica e realista, veremos que para haver uma melhora significativa em todo o âmbito educacional é necessária uma reestruturação em todo o quadro educacional, social e político do país.

Assim podemos afirmar que apesar de alguns contratempos em relação à prática educacional, o livro didático "Português de olho no mundo do trabalho", assim

como os educadores, conseguem atender a idéia central expressa no PCN de Língua Portuguesa, que tem a finalidade de orientar a transformação sofrida pelos estudantes mediante o atual panorama social do país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, *Ministério da Educação. Secretaria de Educação Media e Tecnologia.* Brasília, 2000.

FARIA, Ana Lúcia G. de. *Ideologia no livro didático.* Cortez. São Paulo- SP, 1995.

FERREIRA, A.B.H. *Mini Aurélio século XXI. O mini dicionário da Língua Portuguesa.* 5 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.* São Paulo: Cortez, 1982.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

IBEP, *O ensino de Língua Portuguesa,* julho de 2001. Ensino Fundamental,1997.

MAIA, J.D. *Português Maia (Novo Ensino Médio).* São Paulo: Àtica, 2003.

MARTINS, M.H. *O que é leitura.* São Paulo: Brasiliense, 1982. (Coleção primeiros passos nº 74), 94p.

MAZZAROTTO, L.F. *Manual de gramática: Guia prático da Língua Portuguesa.* São Paulo: DCL, 2005.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso e Leitura.* Campinas: Cortez, 5ª ed.2000.

PFEIFFER. C.C. *A leitura no contexto escolar* In: ORLANDI, E.P. *A leitura e os leitores.* Campinas: Pontes, 1998.

SANTOS, Marcos Bispo dos. *Não-coincidências do dizer nos Parâmetros Curriculares Nacionais: a língua portuguesa em questão.* In: *Revista Inventário.* 4.

ed., jul/2005. Disponível no web world wide em: http://www.inventario.ufba.br/04/04msantos.htm.

TERRA, E. NICOLA, J. de. *Português de olho no mundo do trabalho. Ensino Médio.* São Paulo: Scipione, 2006.

BIBLIOGRAFIA

ALAIN, Ê .C. *Reflexões sobre a educação.* São Paulo: Saraiva, 1978.

BEZERRA, M.A. DELL'ISOLA, R.L.P. MENDES, E.A. de M. *Reflexões sobre a língua portuguesa. Ensino e pesquisa.* Campinas: Pontes.

DELL'ISOLA, Regina Lucia Peret, MENDES, Eliana Amarante de Mendonça. *Reflexões sobre a Língua Portuguesa. Ensino e Pesquisa.* Campinas - SP: Pontes

FARIA, A.L G. *Ideologia no livro didático.* São Paulo: Cortez, 1995.

FEBEROSKY, A. CARDOSO, B. *Reflexões sobre o ensino da literatura e da escrita.* Petropolis: Vozes, 1998.

FREITAG, B. COSTA, W. da. MOTTA, V.P. *O livro didático em questão.* 3 ed. São Paulo: Cortez, 1997.

GERALDI, J. W. *O texto na sala de aula.* Cascavel: Assoeste, 1987.

GILES, T.R. *Filosofia da educação.* São Paulo: SPU, 1983.

LIMA, J.L. SILVA, T.P. *Roteiro para elaboração de trabalhos acadêmicos e monografia.* Cáceres: Unemat, 2005.

MARCONDES, B. MENEZES, G. TOSHIMITSU, T. *Como usar outras linguagens na sala de aula.* São Paulo: Contexto, 2002.

MIRANDA, R.L.F. GUERRA, P.D. LACERDA, N.G. *A língua portuguesa no coração de uma nova escola*. São Paulo: Àtica, 1995.

MOLINA, O. *Quem engana quem? Professora x Livro Didático.* Campinas: Papirus, 1987.

MORETTO, A.M.L. BORTOLETO, M.A. *A educação no mundo*. São Paulo: Saraiva, 1982.

ORLANDI, E.P. *A leitura e os leitores.* Campinas: Pontes, 1998.

POSSETI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola.* Campinas: Mercado das Letras: 1997.

PUCCI, B. *Teoria crítica e educação: A questão da formação cultural na escola de Frankfurd.* São Carlos: Vozes, 1994.

SOUZA, M. F. de. *O livro didático e paráfrases da sociedade capitalista* IN: Revista de Estudos Acadêmicos - Departamento de Letras- Unemat. 004 ed. Cáceres, 2004.

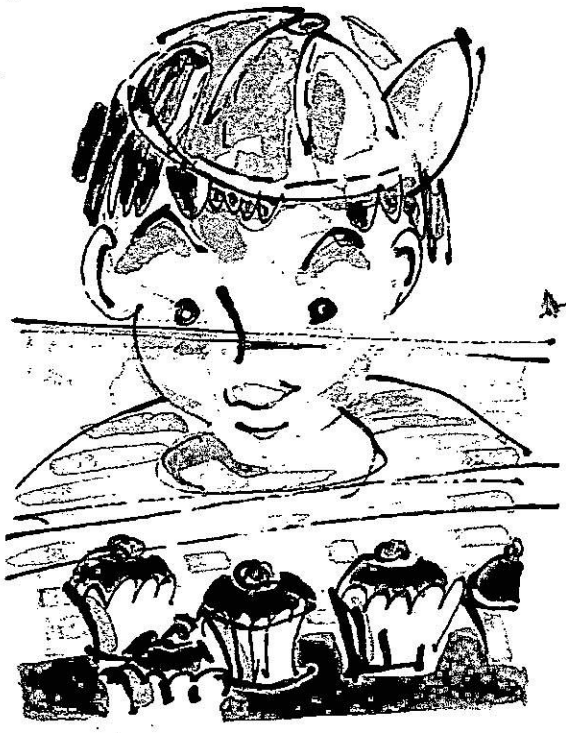
ANEXOS

ANEXO 1 — Seleção de textos
ANEXO 2 — Entrevistas

Anexo 1

unidade 4

As palavras no texto (I)



AS CARIDADES ODIOSAS

Clarice Lispector

Foi uma tarde de sensibilidade ou de **suscetibilidade**? Eu passava pela rua depressa, emaranhada nos meus pensamentos, como às vezes acontece. Foi quando meu vestido me reteve: alguma coisa se enganchara na minha saia. Voltei-me e vi que se tratava de uma mão pequena e escura. Pertencia a um menino a que a sujeira e o sangue interno davam um tom quente de pele. O menino estava de pé no degrau da grande confeitaria. Seus olhos, mais do que suas palavras meio engolidas, informavam-me de sua paciente aflição. Paciente demais. Percebi vagamente um pedido, antes de compreender o seu sentido concreto. Um pouco **aturdida** eu o olhava, ainda em dúvida se fora a mão da criança o que me **ceifara** os pensamentos.

— Um doce, moça, compre um doce para mim.

Acordei finalmente. O que estivera eu pensando antes de encontrar o menino? O fato é que o pedido deste pareceu **cumular** uma lacuna, dar uma resposta que podia servir para qualquer pergunta, assim como uma grande chuva pode matar a sede de quem queria uns goles de água.

Sem olhar para os lados, por **pudor** talvez, sem querer espiar as mesas da confeitaria onde possivelmente algum conhecido tomava sorvete, entrei, fui ao balcão e disse com uma dureza que só Deus sabe explicar: um doce para o menino.

De que tinha eu medo? Eu não olhava a criança, queria que a cena, humilhante para mim, terminasse logo. Perguntei-lhe: que doce você...

Antes de terminar, o menino disse apontando depressa com o dedo: aquelezinho ali, com chocolate por cima. Por um instante **perplexa**, eu me recompus logo e ordenei, com **aspereza**, à caixeira que o servisse.

— Que outro doce você quer? perguntei ao menino escuro.

Este, que mexendo as mãos e a boca ainda esperava com ansiedade pelo primeiro, interrompeu-se, olhou-me um instante e disse com delicadeza insuportável, mostrando os dentes: não precisa de outro não. E poupava a minha bondade.

— Precisa sim, cortei eu ofegante, empurrando-o para a frente. O menino hesitou e disse: aquele amarelo de ovo. Recebeu um doce em cada mão, levantando as duas acima da cabeça, com medo talvez de apertá-los. Mesmo os doces estavam tão acima do menino escuro. E foi sem olhar para mim que ele, mais do que foi embora, fugiu. A caixeirinha olhava tudo:

— Afinal uma alma caridosa apareceu. Esse menino estava nesta porta há mais de uma hora, puxando todas as pessoas que passavam, mas ninguém quis dar.

VOCABULÁRIO

suscetibilidade: Disposição para se ofender ou se ressentir com algo; melindre.
aturdida: Perturbada; desnorteada.
ceifar: Cortar.
cumular: Acumular.
pudor: Vergonha, timidez, mal-estar.
perplexa: espantada, atônita; indecisa.
aspereza: Severidade, austeridade, rispidez.

Fui embora, com o rosto corado de vergonha. De vergonha mesmo? Era inútil querer voltar aos pensamentos anteriores. Eu estava cheia de um sentimento de amor, gratidão, revolta e vergonha. Mas como se costuma dizer, o Sol parecia brilhar com mais força. Eu tivera a oportunidade de... E para isso fora necessário um menino magro e escuro... E para isso fora necessário que outros não lhe tivessem dado um doce.

LISPECTOR, Clarice. "As caridades odiosas". In: *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro, Rocco, 1999. p. 249.

MARGENS DO TEXTO

1. Que forma de expressão do menino comunicava a sua aflição?
2. De que maneira a humildade e a timidez do menino se manifestam no primeiro contato com a cronista?
3. Que afirmação da cronista melhor traduz o seu mal-estar causado pela presença do menino?
4. Que afirmação da cronista, no último parágrafo, sugere um sentimento de satisfação e plenitude com a experiência vivida?
5. No texto, a linguagem da cronista e do menino ora expressa sentimentos, ora transmite apenas informações, ora é utilizada para dar uma ordem. Exemplifique essas afirmações.

HORIZONTES DO TEXTO

E para isso fora necessário que outros não lhe tivessem dado um doce.

Podemos atribuir um sentido simbólico à palavra *doce* no texto. Muitas coisas não foram dadas ao menino. Essas coisas que ele nunca teve o tornaram um menino de rua.

Discuta com os seus colegas de classe:

- Que coisas essenciais deveriam ser "dadas" pela sociedade para que não houvesse meninos de rua?
- Devemos dar esmolas aos pobres na rua?

Procure ler a reportagem da revista *Veja*, de 23 de janeiro de 2002, sobre a miséria no Brasil: www.vejaonline.uol.com.br

INTERTEXTUALIDADE

Leia o seguinte parágrafo, extraído de uma crônica de Fernando Sabino:

Um menino sem pai nem mãe, sem o que comer nem onde dormir: isto é um menor abandonado — hoje em dia designado eufemisticamente menino de rua. Para entender, só mesmo imaginando meu filho largado no mundo aos seis, oito, dez anos de idade, sem ter para onde ir nem para quem apelar. Imagino que ele venha a ser um desses que se esgueiram como ratos em torno aos botequins e lanchonetes e nos importunam cutucando-nos de leve — gesto que nos desperta mal contida irritação — para nos pedir um trocado. Não temos disposição sequer para olhá-lo e simplesmente o atendemos (ou não) para nos livrarmos depressa de sua incômoda presença.

SABINO, Fernando. "Protesto tímido". In: *A vitória da infância*. 6. ed., São Paulo, Ática, 1999. p. 103.



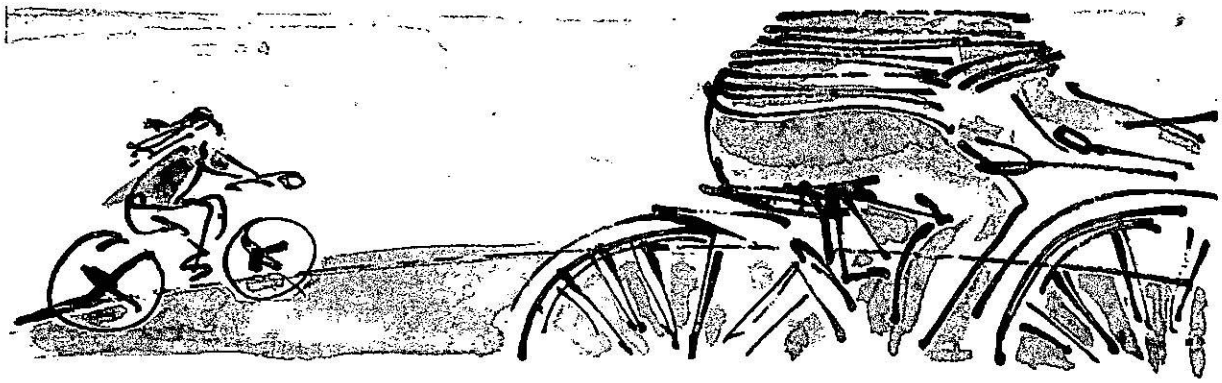
- Que elementos contidos no trecho de Fernando Sabino reforçam conteúdos também expressos na crônica de Clarice Lispector?

Unidade 5

As palavras no texto (II)

ANTES QUE ELAS CRESÇAM

Affonso Romano de Sant'Anna



Há um período em que os pais vão ficando órfãos dos próprios filhos.

Longe já vai o momento em que o primeiro **mênstruo** foi recebido como um impacto de rosas vermelhas. Não mais as colheremos nas portas das discotecas e festas, quando surgiam entre gírias e canções. Passou o tempo do balé, da cultura francesa e inglesa[1]. Saíram do banco de trás e passaram para o volante de suas próprias vidas. Só nos resta dizer "*bonne route, bonne route*", como naquela canção francesa narrando a emoção do pai quando a filha oferece o primeiro jantar no apartamento dela.

Deveríamos ter ido mais vezes à cama delas ao anoitecer para ouvir sua alma respirando conversas e confidências entre os lençóis da infância, e os adolescentes cobertores daquele quarto cheio de colagens, pôsteres, agendas coloridas de pilô. Não, não as levamos suficientemente ao maldito "*drive-in*", ao **Tablado** para ver "Pluft", não lhes demos suficientes hambúrgueres e cocas, não lhes compramos todos os sorvetes e roupas merecidas.

Elas cresceram sem que esgotássemos nelas todo o nosso afeto.

No princípio subiam a serra ou iam à casa de praia entre embrulhos, comidas, engarrafamentos, natais, páscoas, piscinas e amiguinhas. Sim, havia as brigas dentro do carro, a disputa pela janela, os pedidos de sorvetes e sanduíches infantis. Depois chegou a idade em que subir para a casa de campo com os pais começou a ser um esforço, um sofrimento, pois era impossível deixar a turma aqui na praia e os primeiros namorados. Esse exílio dos pais, esse divórcio dos filhos, vai durar sete anos bíblicos. Agora é hora de os pais na montanha terem a solidão que queriam, mas, de repente, **exalarem** contagiosa saudade daquelas pestes.

O jeito é esperar. Qualquer hora podem nos dar netos. O neto é a hora do carinho **ocioso** e estocado, não exercido nos próprios filhos e que não pode morrer conosco. Por isso, os avós são tão **desmesurados** e distribuem tão incontrolável afeição. Os netos são a última oportunidade de reeditar o nosso afeto.

Por isso, é necessário fazer alguma coisa a mais, antes que elas cresçam.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Excerto* de "Antes que elas cresçam". In: *Fizemos bem em resistir*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994. p. 41.

VOCABULÁRIO

mênstruo: O mesmo que menstruação.
bonne route: "Boa viagem", em francês.
drive-in: Cinema ao ar livre.
Tablado: Teatro infantil, localizado no Rio de Janeiro, fundado por Maria Clara Machado.
Pluft: *Pluft, o fantasminha*, peça infantil de Maria Clara Machado.
exalar: (*fig.*) deixar surgir, manifestar.
ocioso: Desocupado; inativo.
desmesurado: Desmedido; exagerado.

[1] O cronista refere-se aos cursos de línguas *Aliança Francesa* e *Cultura Inglesa*.

Apresentação

O especialista pode, a qualquer momento, ser surpreendido pela pouca utilidade do seu saber, como o soldador foi substituído pelo robô e o artesão gráfico pelo computador.

A rapidez com que as mudanças sociais estão se processando e alterando a nossa vida cotidiana impõe como prioridade o ensino da Língua Portuguesa. A prática da leitura, da reflexão e da produção de textos é reconhecidamente a maneira de desenvolver competências para que os alunos possam assimilar informações e utilizá-las em contextos variados.

A repetição e a padronização já não têm mais espaço na sala de aula. Ao contrário, busca-se estimular a criatividade, o espírito inventivo e a curiosidade, objetivando-se uma diversificação com qualidade para que os indivíduos estejam aptos às constantes mudanças de rumo profissional na era da globalização.

Além disso, as autoridades educacionais reconhecem que "a escola está repleta de jovens que anseiam trabalhar e trabalhadores que precisam estudar para dominar habilidades que lhes permitam assimilar e utilizar produtivamente recursos tecnológicos novos e em acelerada transformação", os quais não podem mais ser reféns do vestibular gerador de uma padronização desqualificada. Em seu lugar temos os Exames Nacionais do Ensino Médio.

Por tudo isso dá-se hoje, e cada vez mais, atenção à Língua Portuguesa e suas manifestações criativas, devendo-se priorizar no processo ensino-aprendizado os recursos que conduzam o estudante a:

- *compreender os significados em lugar de adquirir conhecimentos factuais;*
- *ser capaz de continuar aprendendo;*
- *preparar-se para o trabalho e o exercício da cidadania;*
- *ter autonomia intelectual e pensamento crítico;*
- *ter flexibilidade para adaptar-se a novas condições de ocupação;*
- *compreender os fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos;*
- *inferir a teoria a partir da prática.*

Estes princípios nortearam esta obra, que certamente será enriquecida pelas atividades dos professores, além dos questionamentos e pesquisas dos estudantes.

O autor

Para saber mais sobre o Exame Nacional do Ensino Médio e os Parâmetros Curriculares visite: **http://www.inep.gov.br**

Modos de usar

Unidade

Buscou-se em todas as unidades a simplicidade, a clareza e a objetividade. Evita-se com isso o excesso de preocupação em "terminar o livro", com o prejuízo de outros tipos de trabalho. Como as unidades não são longas, o professor poderá desenvolver ações e atividades paralelas que enriqueçam o curso e a vivência cultural dos estudantes: visitas a museus e bibliotecas, apreciação de filmes e peças de teatro, debates em sala de aula, trabalhos em grupo e com a comunidade, audição de palestras. O professor poderá convidar outros professores, pais, juízes, advogados, médicos, psicólogos, presidentes de associações comunitárias, policiais, escritores, jornalistas e outros profissionais e figuras públicas da comunidade que possam discutir temas relacionados com o conteúdo do livro.

Texto

Um texto curto permite maior rendimento da aula. Esta não terá quase todo o seu tempo preenchido, como muitas vezes acontece, apenas com a leitura e estudo do texto. Nesta fase (leitura) deverão surgir as primeiras questões: *O que lhe agradou ou desagradou no texto? Ele é interessante? Por quê? Você já leu alguma obra do autor? Qual? O que achou dela? Gostaria de ler o livro do qual foi retirado o texto?*
Ainda nesta fase, pode-se trabalhar o vocabulário. O estudante deverá construir frases utilizando as palavras novas do seu repertório. Elas estão destacadas em negrito.

Margens do Texto

É fundamental conquistar o jovem para o hábito e o prazer da leitura, sem castigá-lo com questões sutis que possam causar-lhe a falsa impressão de que não entende o que lê e que, portanto, não vale a pena ler, pois a leitura, que deveria trazer prazer, traz-lhe frustrações de interpretação e compreensão.
Fazendo apenas perguntas fundamentais sobre o texto lido evitam-se as "armadilhas" de interpretação que decepcionam os jovens. Nesta fase, o professor poderá propor novas questões ou solicitar aos estudantes que formulem as suas como se estivessem elaborando uma prova.

Horizontes do Texto

A literatura é um reflexo do homem e da sociedade. Neste tópico, um tema é proposto para discussão. As propostas dos debates estão relacionadas à realidade e questionamentos dos jovens em fase de formação e transformação. Levantam-se questões que muitas vezes os pais não podem responder sem o auxílio da Escola e dos Professores, os quais — mais do que transmissores de informações e conteúdos programáticos — são agentes educadores e formadores de opinião.
É a parte mais viva e estimulante da aula. O momento em que a aula esquenta! Os temas debatidos podem servir de motivação para uma redação ou trabalho de pesquisa. Nesta fase, pode-se convidar algum membro da comunidade para que transmita a sua experiência.

CAPÍTULO 1

A PRODUÇÃO DE TEXTOS

O TEXTO: leitura e reflexão

Reproduzimos, a seguir, questões de um vestibular da Universidade Federal do Amapá (Unifap), cujo tema é a produção de textos.

Texto 1

A REGREÇÃO DA REDASSÃO

"Semana passada recebi um telefonema de uma senhora que me deixou surpreso. Pedia encarecidamente que ensinasse seu filho a escrever.

– Mas, minha senhora – desculpei-me –, eu não sou professor.

– Eu sei. Por isso mesmo. Os professores não têm conseguido muito.

– A culpa não é deles. A falha é do ensino.

– Pode ser, mas gostaria que o senhor ensinasse o menino. O senhor escreve muito bem.

– Obrigado – agradeci –, mas não acredite muito nisso. Não coloco vírgulas e nunca sei onde botar os acentos. A senhora precisa ver o trabalho que dou ao revisor.

– Não faz mal – insistiu –, o senhor vem e traz um revisor.

– Não dá, minha senhora – tornei a me desculpar –, eu não tenho o menor jeito com crianças.

– E quem falou em crianças? Meu filho tem 17 anos.

Comentei o fato com um professor, meu amigo, que me respondeu: "Você não deve se assustar, o estudante brasileiro não sabe escrever". No dia seguinte, ouvi de outro educador: 'O estudante brasileiro não sabe escrever'. Depois li no jornal as declarações de um diretor da faculdade: 'O estudante brasileiro escreve muito mal'. Impressionado, saí a procura de outros educadores. Todos me disseram: acredite, o estudante brasileiro não sabe escrever. Passei a observar e notei que já não se escreve mais como antigamente. Ninguém mais faz diário, ninguém escreve em portas de banheiros, em muros, em paredes.



Não tenho visto nem aquelas inscrições, geralmente acompanhadas de um coração, feitas em casca de árvore. Bem, é verdade que não tenho visto nem árvore.

– Quer dizer – disse a um amigo enquanto íamos pela rua – que o estudante brasileiro não sabe escrever? Isto é ótimo para mim. Pelo menos diminui a concorrência e me garante emprego por mais dez anos.

– Engano seu – disse ele. – A continuar assim, dentro de cinco anos você terá que mudar de profissão.

– Por quê? – espantei-me. – Quanto menos gente sabendo escrever, mais chance eu tenho de sobreviver.

– E você sabe por que essa geração não sabe escrever?

– Sei lá – dei com os ombros –, vai ver que é porque não pega direito no lápis.

– Não senhor. Não sabe escrever porque está perdendo o hábito da leitura. E quando o perder completamente, você vai escrever para quem?

Taí um dado novo que eu não havia considerado. Imediatamente pensei quais as utilidades que teria um jornal no futuro: embrulhar carne? Então vou trabalhar num açougue. Serviria para fazer barquinhos, para fazer fogueira nas arquibancadas do Maracanã, para forrar sapato furado ou para quebrar um galho em banheiro de estrada? Imaginei-me com uns textos na mão, correndo pelas ruas para oferecer às pessoas, assim como quem oferece hoje bilhete de loteria:

– Por favor amigo, leia – disse, puxando um cidadão pelo paletó.

– Não, obrigado. Não estou interessado. Nos últimos cinco anos a única coisa que leio é a bula de remédio.

– E a senhorita não quer ler? – perguntei, acompanhando os passos de uma universitária. – A senhorita vai gostar. É um texto muito curioso.

– O senhor só tem escrito? Então não quero. Por que o senhor não grava o texto? Fica mais fácil ouvi-lo no meu gravador.

– E o senhor, não está interessado nuns textos?

– É sobre o quê? Ensina como ganhar dinheiro?

– E o senhor, vai? Leva três e paga um.

– Deixa eu ver o tamanho – pediu ele.

Assustou-se com o tamanho do texto:

– O quê? Tudo isso? O senhor está pensando que sou vagabundo? Que tenho tempo para ler tudo isso? Não dá para resumir tudo em cinco linhas? 99

Carlos Eduardo Novaes

Texto 2

ESTUDANTES LÊEM, MAS NÃO ENTENDEM

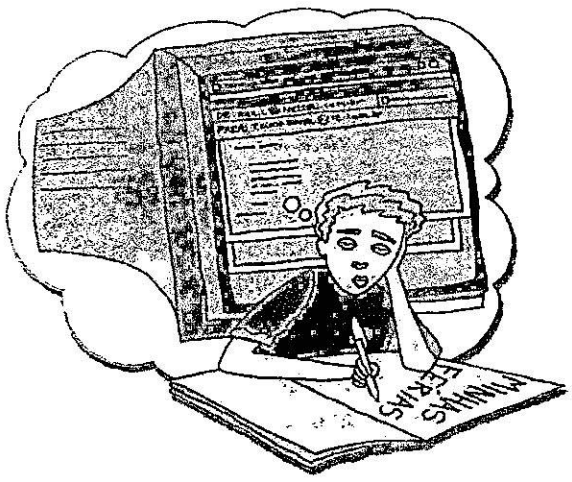
66 Brasília (Agência Estado) – O aluno brasileiro não compreende o que lê, revela o programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa), divulgado ontem. Entre 32 países submetidos ao teste, o Brasil ficou em último lugar. A prova mediu a capacidade de leitura de estudantes de 15 anos, independentemente da série em que estão matriculados.

'Esperava um desastre pior', disse o ministro da Educação, Paulo Renato Souza, ao anunciar o resultado. Em primeiro lugar ficou a Finlândia. Em penúltimo, à frente do Brasil, o México. Dos 32 países avaliados, 29 fazem parte da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) – entidade que reúne nações desenvolvidas, como os Estados Unidos ou o Reino Unido, e outras nem tanto, como a Polônia e a República Checa. Também participaram Brasil, Letônia e Rússia.

A prova foi aplicada no ano passado, envolvendo ao todo 265 mil estudantes de escolas públicas e privadas. No Brasil, participaram 4,8 mil alunos de 7ª e 8ª séries do ensino fundamental e do 1º e 2º anos do ensino médio. O objetivo foi verificar o preparo escolar de adolescentes de 15 anos, tendo em vista os desafios que terão pela frente na vida adulta. 99

www.Oliberal.com.br/arquivo/noticias/atualidade/n05122001index4.htm

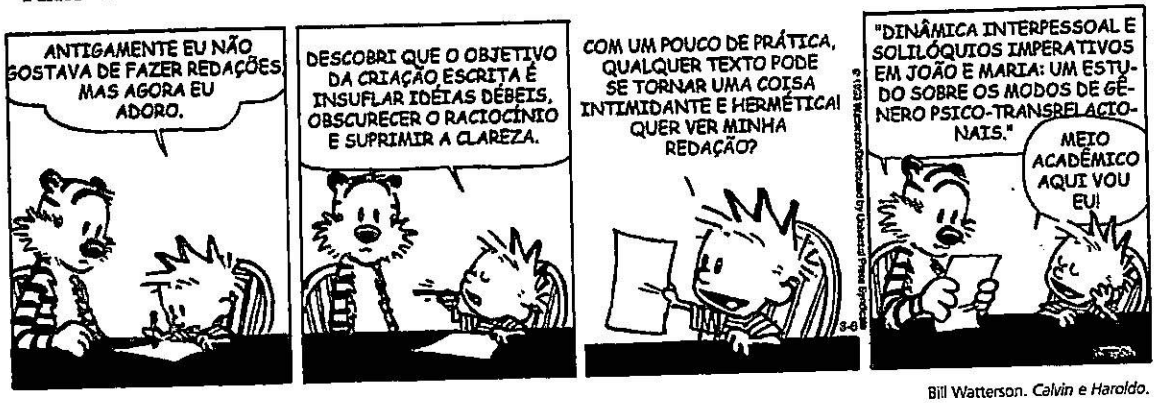
Texto 3



"As escolas poderiam ensinar a escrever, mas não o fazem. Não que as aulas de redação sejam em menor número do que o desejado. O problema é que essa matéria é ensinada de forma errada, por meio de assuntos distantes da vida real. 'Em vez de escrever redações sobre temas vagos, como 'Minhas férias' ou 'Meu cachorro', o aluno deveria ser adestrado nos diferentes gêneros da escrita: a carta, o memorando, a ficção, a conferência e até o *e-mail*', opina o professor Luiz Marcuschi, da Universidade Federal de Pernambuco."

Falar e escrever, eis a questão. In: *Veja*, 7 nov. 2001, p. 104-12.

Texto 4



Bill Watterson. *Calvin e Haroldo*.

Escrever e falar bem, atualmente, tem sido uma das maiores preocupações do brasileiro. Segundo a edição 1.725 de *Veja*, essa preocupação tem se dado, em grande medida, pela necessidade da fluência no português padrão nas interações sociais, sobretudo nos estudos, na profissão e nos negócios.

Considerando os textos, responda às questões de 1 a 4.

1. (Unifap-AP) Com base no texto 1, faça o que se pede.
   a) Que conclusão você pode tirar, a partir do efeito de sentido provocado pelo seu título, a respeito do ato de escrever?
   b) Retire dois argumentos que comprovem a sua conclusão.
   c) Modificando os elementos verbais, em destaque, de forma que não haja alteração de sentido, reestruture o período "Quanto menos gente sabendo escrever, mais chance eu tenho de sobreviver".
2. (Unifap-AP) Transcreva o parágrafo, do texto 2, em que se pode comprovar a tese de que os estudantes brasileiros lêem, mas não entendem o que lêem.
3. (Unifap-AP) Leia os textos 1 e 3 e faça o que se pede.
   a) O que existe em comum, nos textos 1 e 3, com relação à postura comumente associada ao professor brasileiro?
   b) De acordo com o texto 3, dê um sinônimo à expressão "adestrado", utilizada pelo professor da Universidade Federal de Pernambuco.
4. (Unifap-AP) Escrever de forma "difícil" há muito vem permeando o imaginário do brasileiro de que escrever dessa forma é sinônimo de escrever bem. O texto 4 desconstrói, em parte, esse imaginário. Para isso, o autor da tira lançou mão de uma figura de linguagem. Qual foi a figura utilizada pelo autor para desconstruir o ideal da "boa escritura"?

APRESENTAÇÃO

Passados sete anos de seu lançamento, esta obra, que sempre teve uma carinhosa receptividade por parte de professores e alunos, pedia uma atualização. Afinal, nesse período, a prática de ensino de conteúdos gramaticais, das escolas literárias e de seus autores mais representativos e, principalmente, de leitura e produção de textos passou por significativas mudanças.

Dessa forma, aproveitamos a presente reedição para fazer alguns ajustes na distribuição dos tópicos gramaticais, para intensificar o trabalho de análise e interpretação de textos, valorizando, cada vez mais, atividades que criem condições para a formação de leitores atentos e competentes produtores de texto. Assim, modificamos uma ou outra abordagem, introduzimos novos textos e novas atividades. Uma nova apresentação gráfica também se fez necessária.

Mas o livro não perdeu uma característica essencial, que gostaríamos de reafirmar: ele foi concebido sob o signo da objetividade e da praticidade sem, contudo, abrir mão do rigor da informação e de um conteúdo abrangente. Nele, os professores e estudantes do Ensino Médio encontrarão todos os itens tradicionalmente estudados em aulas de Português.

Atendendo a inúmeras solicitações de professores, incluímos, nesta reedição, a literatura portuguesa, desde as origens medievais até os mais representativos autores do século XX. Aproveitamos também para intensificar atividades que exploram as relações de intertextualidade, tanto entre textos lusitanos e brasileiros, como entre textos de diferentes épocas.

Na parte de leitura e produção de texto, enfatizamos o trabalho com a linguagem, já que ela representa, organiza e transmite nosso pensamento. Novos capítulos foram incluídos abordando a linguagem verbal e seus diferentes níveis, os recursos persuasivos e argumentativos, a coesão e coerência textuais.

Ao final de cada uma das três partes em que se estrutura o livro, apresentamos uma bateria de exercícios dos mais recentes vestibulares e do Exame Nacional de Ensino Médio (Enem). Assim, além de permitir a revisão dos conteúdos estudados, essas questões colocam os alunos a par das tendências atuais desses exames.

Por último, um agradecimento especial a todos que participaram deste trabalho, através de incentivos ou de colaboração direta.

OS AUTORES
primavera de 2002

Anexo 2

ESTADO DE MATO GROSSO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

Questionário

1- A quanto tempo você leciona no ensino médio?
Há quatro anos.

2- Qual é a sua formação profissional?
Letras com pós-graduação em Psicopedagogia.

3- É a primeira vez que você trabalha com o livro *Português de olho no mundo do trabalho?*
Não.

4- Qual foi o critério utilizado para a escolha desse livro didático como seu instrumento de trabalho?
Após analisar vários livros e consequentemente vários autores, concluí que esse era melhor não só por trazer produção, gramática e literatura, mas por estar baseado nos PCN's e trazer conteúdos riquíssimos e totalmente atualizados com o mundo hoje.

5- O que te chamou mais atenção nesse material ?
O fato de mesmo trazer textos atuais, atividades e exercícios de fixação voltados para o vestibulas, ENEM e mercado de trabalho.

6- Há alguma proposta de ensino neste livro que você não concorda plenamente, ou utiliza de maneira diferenciada em suas aulas? Qual ?

Todas as propostas de livro em si são ótimas, o que faço com alguns é acrescentar atividades, passar filmes adequados com o conteúdo; utilizar de letras musicais para alguns textos, etc.

7- Você concorda que o livro didático deve ser o principal norteador das aulas de Língua Portuguesa? Por que? Concordo que o professor e o aluno devam ter o livro para nortear seus estudos, mas não tê-lo como único e exclusivo, já que o professor deve ser um grande pesquisador, e trazer sempre que possível e necessário novidades para o aluno.

8- O que você considera mais importante para que o aluno consiga aprender de fato a produzir textos e interpretar a Língua Portuguesa?

a) Gramática ( )
b) Leitura ( )
c) Exercitar a escrita ( )
d) Conhecer a gramática com perfeição e exercitar um pouco de leitura e escrita ( )
e) Ter hábito de leitura, exercitar a escrita e conhecer a gramática básica, sabendo pesquisar quando necessário (X)

9- A que você atribui ao fracasso escolar de alguns alunos que não conseguem se desenvolver seu senso crítico e sua capacidade de interpretação durante as aulas?

a) Falta de material didático adequado ( )
b) Falta de interesse por parte dos alunos ( )
c) Falta de condições na estrutura da escola ( )
d) Problemas sociais e econômicos dos alunos ( )
e) Nenhuma das alternativas ( )

Obs: Todas as alternativas contribuem para o fracasso escolar, mas acredito que uma das principais alternativas seria uma alfabetização mal feita. (exato é)

10- Você acha difícil ensinar a Língua Portuguesa?

a) Sim ( )
b) Não ( )
c) Mais ou menos (X)

11-Você acha que a utilização da variedade não padrão na sala de aula é:

a) Importante ( )

b) Prejudicial ao bom desenvolvimento do aluno ( )

c) Na sala de aula deve- se apenas ensinar a ler e escrever corretamente segundo a gramática normativa ( )

d) Aceitável, porém não deve ser considerada importante (X)

ESTADO DE MATO GROSSO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

Questionário

1- A quanto tempo você leciona no ensino médio?
Há 10 anos

2- Qual é a sua formação profissional?
Especialização

3- É a primeira vez que você trabalha com o livro *Português de olho no mundo do trabalho?*
Sim

4- Qual foi o critério utilizado para a escolha desse livro didático como seu instrumento de trabalho?
Textos atuais, literatura bem dirigida, boa gramática e ótimas interpretações e produções de texto.

5- O que te chamou mais atenção nesse material ?
As interpretações e produções de texto.

6- Há alguma proposta de ensino neste livro que você não concorda plenamente, ou utiliza de maneira diferenciada em suas aulas? Qual ?

Sim, a gramática.

7- Você concorda que o livro didático deve ser o principal norteador das aulas de Língua Portuguesa? Por que? Não, acho que ele deve ser um auxílio, tanto para o professor quanto para o aluno.

8- O que você considera mais importante para que o aluno consiga aprender de fato a produzir textos e interpretar a Língua Portuguesa?

a) Gramática ( )
b) Leitura ( )
c) Exercitar a escrita ( )
d) Conhecer a gramática com perfeição e exercitar um pouco de leitura e escrita ( )
e) Ter hábito de leitura, exercitar a escrita e conhecer a gramática básica, sabendo pesquisar quando necessário (X)

9- A que você atribui ao fracasso escolar de alguns alunos que não conseguem se desenvolver seu senso crítico e sua capacidade de interpretação durante as aulas?

a) Falta de material didático adequado ( )
b) Falta de interesse por parte dos alunos ( )
c) Falta de condições na estrutura da escola ( )
d) Problemas sociais e econômicos dos alunos ( )
e) Nenhuma das alternativas (X)

Obs: Acho que seria mais correto todas elas, pois sem uma boa condição na estrutura, bom material didático e principalmente sem o interesse do aluno, fica impossível ajudá-los a desenvolver seu senso crítico.

10- Você acha difícil ensinar a Língua Portuguesa?

a) Sim ( )
b) Não ( )
c) Mais ou menos (X)

11-Você acha que a utilização da variedade não padrão na sala de aula é:

a) Importante ( )

b) Prejudicial ao bom desenvolvimento do aluno ( )

c) Na sala de aula deve- se apenas ensinar a ler e escrever corretamente segundo a gramática normativa ( )

d) Aceitável, porém não deve ser considerada importante (X)



ESTADO DE MATO GROSSO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

Questionário

1- A quanto tempo você leciona no ensino médio?

Há mais de cinco anos.

2- Qual é a sua formação profissional?

Licenciatura Plena em Letras

3- É a primeira vez que você trabalha com o livro *Português de olho no mundo do trabalho?*

Sim

4- Qual foi o critério utilizado para a escolha desse livro didático como seu instrumento de trabalho?

Não participei na escolha do livro

5- O que te chamou mais atenção nesse material ?

O enfoque dado a leitura, a produção e a exposição da gramática de modo reflexivo apresentada através da variedade de tipos de textos.

6- Há alguma proposta de ensino neste livro que você não concorda plenamente, ou utiliza de maneira diferenciada em suas aulas? Qual ?

Apenas fazer complementações e adaptação de leitura.

7- Você concorda que o livro didático deve ser o principal norteador das aulas de Língua Portuguesa? Por que?

Não. Porque é preciso levar em conta a vida pessoal, o cotidiano e a convivência do aluno, buscando sempre informações cada —▸

8- O que você considera mais importante para que o aluno consiga aprender de fato a produzir textos e interpretar a Língua Portuguesa?

a) Gramática ( )
b) Leitura ( )
c) Exercitar a escrita ( )
d) Conhecer a gramática com perfeição e exercitar um pouco de leitura e escrita ( )
e) Ter hábito de leitura, exercitar a escrita e conhecer a gramática básica, sabendo pesquisar quando necessário (X)

9- A que você atribui ao fracasso escolar de alguns alunos que não conseguem se desenvolver seu senso crítico e sua capacidade de interpretação durante as aulas?

a) Falta de material didático adequado ( )
b) Falta de interesse por parte dos alunos (X)
c) Falta de condições na estrutura da escola ( )
d) Problemas sociais e econômicos dos alunos (X)
e) Nenhuma das alternativas ( )

Obs: Este diagnóstico refere-se ao (período) período noturno

10- Você acha difícil ensinar a Língua Portuguesa?

a) Sim ( )
b) Não ( )
c) Mais ou menos (X)

11-Você acha que a utilização da variedade não padrão na sala de aula é:

a) Importante ( )

b) Prejudicial ao bom desenvolvimento do aluno ( )

c) Na sala de aula deve- se apenas ensinar a ler e escrever corretamente segundo a gramática normativa ( )

d) Aceitável, porém não deve ser considerada importante (X)

7- vez mais acessíveis e diversificadas de acordo com o contexto e o momento vivenciado, o que nem sempre o livro Didático contempla.